



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACC

BEATRIZ CAMPOS DE ABREU

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA NA VISÃO
DE ALUNOS E DOCENTES**

Rio de Janeiro - RJ

2021

BEATRIZ CAMPOS DE ABREU

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: CONCEITOS E IMPORTÂNCIA NA VISÃO
DE ALUNOS E DOCENTES**

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Administração à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/ UFRJ)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Bruno de Faria

Rio de Janeiro - RJ

2021

**A Deus, minha família e
amigos, por sempre permanecerem
do meu lado, por me incentivarem
a dar meu melhor e a ir atrás dos
meus sonhos.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre ser meu porto seguro, por me auxiliar e me orientar em tudo que faço. Por me ensinar a dar a meu melhor e acreditar em mim mesma, mesmo em alguns momentos sendo difícil.

À Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Bruno-Faria, por ser a melhor orientadora que eu poderia ter escolhido, por me mostrar e mostrar a tantos alunos o verdadeiro papel do docente: ensinar, inspirar e nos fazer sonhar.

Aos professores da FACC, que me ensinaram muito mais do que poderia ser ensinado em sala de aula. Por me fazerem acreditar em um ensino público superior de excelência.

Aos amigos que a UFRJ me deu, em especial Leonardo Souza, Lucas Rocha, Victor Gabriel, Lucas Almeida, Mariana Rocha, Mariana Valle, Cayan Infantino, Pedro Aragon e Lucas Amaral, que sempre me ajudaram, seja com um resumo, um conselho de amigo ou risadas no sujinho.

Aos meus pais, minha irmã e tia Guara, por me sustentarem e por me darem todo o apoio em toda a minha formação, por acreditarem em mim e me fazerem sonhar cada vez mais alto. Essa pesquisa é graças a vocês.

Aos meus amigos, Guilherme, Renan, Joyce, Luiza e Manuela que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado durante esse processo.

A todos aqueles que fizeram parte dessa pesquisa e me ajudaram a desenvolver um trabalho agregador.

**“Porque sou eu que conheço os
planos que tenho para vocês, diz o
Senhor, planos de fazê-los
prosperar e não de causar dano,
planos de dar a vocês esperança e
um futuro”.**

Jeremias 29:11

RESUMO

Esse estudo analisa a concepção de extensão universitária e sua importância, segundo a ótica dos estudantes e docentes de uma instituição pública federal. Busca compreender como os principais agentes envolvidos com a extensão compreendem o desenvolvimento de suas atividades, o objetivo e a relevância para a formação discente, além de identificar a percepção desses atores e as diferentes visões sobre extensão. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e adotado o método qualitativo em uma pesquisa empírica com emprego de entrevistas eletrônicas, como técnica de coleta de dados. Foram entrevistados docentes de Administração e discentes de diferentes cursos, visando analisar a concepção e a importância da extensão na ótica de cada grupo; a obrigatoriedade da extensão na graduação e o conhecimento sobre extensão na Universidade. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo a partir da criação de categorias a posteriori. Por meio dos resultados, pode-se inferir que os entrevistados concordam sobre determinados aspectos, mas também possuem diferentes entendimentos sobre extensão universitária, além de realizarem essas atividades com diferentes objetivos. Seja como uma forma de capacitação para o mercado de trabalho, ou como uma relação entre ensino e pesquisa, os discentes e docentes enxergam a extensão por diferentes temáticas. Destaca-se, por último, que há muito a avançar no entendimento do que é extensão na Universidade.

Palavras-chave: extensão universitária – conceito de extensão – concepção discente de extensão – extensão e universidade

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Categorias da concepção e importância da extensão universitária (discentes)	23
Quadro 2- Descrição da Categoria “Desenvolvimento de conhecimentos complementares ao ensino”	23
Quadro 3- Descrição da categoria Identificação de novas áreas de interesse	25
Quadro 4- Descrição da Categoria “Preparação e desenvolvimento para o mercado de trabalho”	26
Quadro 5- Descrição da categoria “Retribuição da Universidade à sociedade”.....	27
Quadro 6- Descrição da categoria “Auxílio à sociedade”	28
Quadro 7- Descrição da categoria “Construção de empatia”	30
Quadro 8- Descrição da categoria “Aplicação do aprendido em sala de aula”	31
Quadro 9- Categorias da obrigatoriedade da extensão na graduação (discentes).....	32
Quadro 10- Descrição da categoria “Oportunidade de identificação de áreas de interesse”	32
Quadro 11- Descrição da categoria “A obrigatoriedade da extensão como fator negativo”	33
Quadro 12- Descrição da categoria “Participação compulsória em extensões fora do interesse do aluno”.....	35
Quadro 13- Categoria do conhecimento sobre extensão na universidade (discentes)....	36
Quadro 14- Descrição da categoria “Desconhecimento dos processos e informações sobre extensão”	36
Quadro 15- Descrição da categoria “Falta de interesse na extensão”	37
Quadro 16- Categorias da concepção e importância da extensão universitária (docentes)	39
Quadro 17- Descrição da categoria “Diálogo com a sociedade”.....	39
Quadro 18- Descrição da categoria “Visão holística da realidade social”	41
Quadro 19- Descrição da categoria “Prática do conhecimento teórico”	43
Quadro 20- Descrição da categoria “Relação entre extensão, pesquisa e ensino”	45
Quadro 21- Categorias da obrigatoriedade da extensão na graduação (docentes)	46
Quadro 22- Descrição da categoria “Reafirmação dos pilares institucionais”	46
Quadro 23- Descrição da categoria “Ressignificação da experiência discente”	48

Quadro 24- Descrição da categoria “Impactos negativos nas atividades de extensão”..	49
Quadro 25- Categorias do conhecimento sobre extensão na Universidade (docentes)..	50
Quadro 26- Descrição da categoria “Desvalorização da extensão em relação ao ensino e a pesquisa”	51
Quadro 27- Descrição da categoria “Burocracia como fator impeditivo”	52
Quadro 28- Comparativo entre as opiniões discentes e docentes.....	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Problema de pesquisa	11
1.2. Objetivos.....	11
1.2.1. Objetivo Geral.....	11
1.2.2. Objetivos Específicos.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1. Extensão Universitária: Origem e fundamentação legal	13
2.2. Dicotomia assistencialista e não assistencialista.....	16
3. METODOLOGIA	20
3.1. Método, Classificação e Técnicas de Pesquisa	20
3.2. Participantes da Pesquisa	20
3.3. Instrumentos	21
3.4. Procedimentos de coleta e análise de dados	22
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
4.1. Discentes	23
4.1.1. Concepção e importância da extensão universitária	23
4.1.2. Obrigatoriedade da extensão na graduação	32
4.1.3. Conhecimento sobre extensão na universidade	36
4.2. Docentes.....	38
4.2.1. Concepção e importância da extensão universitária.....	38
4.2.2. Obrigatoriedade da extensão na graduação	46
4.2.3. Conhecimento sobre extensão na universidade	50
4.3. Síntese de resultados	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE A- Roteiro de entrevista para docentes	64
APÊNDICE B- Roteiro de entrevista para discentes.....	66

1. INTRODUÇÃO

O conceito de extensão passou por muitas transformações ao longo dos anos. Segundo Serrano (2013, p.1), ela já assumiu o papel de extensão de cursos, extensão serviço, extensão assistencial, extensão “redentora da função social da Universidade”, extensão como mão dupla entre universidade e sociedade e extensão cidadã. Essas transformações refletem as sucessivas buscar por aprimoramento das universidades nas suas atividades ‘extramuros’. Uma das ferramentas utilizadas pelas Universidades Públicas, que surgiu com o papel histórico-social de produzir e disseminar o conhecimento de forma democrática, além da relação intrínseca com a cultura não moldada pelos valores mercadológicos (SILVA, 2001), foi a extensão. Os projetos de extensão permitem que a Universidade exerça seu papel catalizador da cidadania e como sujeito social.

A extensão transcende uma relação simplista entre Universidade e comunidade, ela exerce um papel relevante tendo a capacidade de desenvolver conhecimentos que transformam a sociedade (CHAVES *et al.*, 2019). Desenvolve transformações tanto internas na formação profissional e humana dos docentes e discentes envolvidos, quanto externas na própria sociedade beneficiada pelas atividades realizadas. Na visão dos autores, o conhecimento disseminado e compartilhado dentro das Universidades deve necessariamente ultrapassar as fronteiras de formação dos alunos e impactar positivamente a realidade social vivida. Essa intervenção que necessita acontecer tem a capacidade de empoderar os cidadãos por meio do conhecimento de novos saberes.

De acordo com Melo Neto (2002, p.10) “a extensão é um trabalho que se realiza na realidade objetiva e é exercido por membros da comunidade, universidade – servidores e alunos” e, ainda segundo o autor, é resultado de um confronto do conhecimento acadêmico com a realidade, seja brasileira, regional ou local. Percebe-se, portanto, que a realização da extensão abrange diversos atores, cada um desempenhando uma atribuição específica e particular. Além desse confronto com a realidade que resulta em uma construção de uma cultura de cidadania, aonde há um intercâmbio de saberes juntamente com um empoderamento dos cidadãos por meio da participação e do envolvimento.

O que fundamenta as Universidades são o ensino, a pesquisa e a extensão e há uma indissociabilidade dessas três vertentes, aonde cada uma possui seu papel e sua

importância na formação de seus discentes. O ensino através de sua função primária como Instituição de Ensino Superior (IES). A pesquisa por meio do desenvolvimento de novos conhecimentos. E por último, a extensão estabelecendo uma comunicação com a sociedade. Segundo Rodrigues *et al.* (2013), a extensão representa o compromisso das Universidades com a sociedade, que proporciona benefícios e conhecimentos para ambas as partes. O ensino precisa da extensão para levar seus conhecimentos à sociedade e complementá-los através das atividades práticas. Assim como a pesquisa também necessita do ensino e da extensão para divulgar e aplicar sua produção científica e, dessa forma, apontar-lhes novos rumos a serem seguidos (PEREIRA, 2010). Portanto, percebe-se que a construção do universitário não é a mesma quando algum desses três fundamentos esteja defasado. Essas atividades são complementares e dependentes entre si, se desenvolvendo e evoluindo de forma sistêmica.

Mesmo a extensão desempenhando um papel relevante na formação das Universidades, como abordado anteriormente, compreendendo um de seus pilares, por muito tempo ela não foi capaz de exercer seu pleno potencial. Para Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), esse conceito atualmente ainda não é bem compreendido por muitos professores e alunos, juntamente com a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Esta era considerada apenas uma ferramenta de aplicação dos conhecimentos desenvolvidos e ensinados nas salas de aula.

De acordo com Gadotti (2017), a extensão possui duas vertentes que se confrontam: a assistencialista e a não assistencialista. A primeira compreende a Extensão Universitária apenas como uma transmissão vertical do conhecimento, que desconsidera a participação e o saber popular. O cidadão atua passivamente nessa relação, de forma que os seus conhecimentos e demandas particulares não são mais relevantes que a simples transmissão de conhecimentos unilaterais. Ainda segundo o Gadotti (2017), a não assistencialista entende a extensão como comunicação de saberes, baseando-se principalmente na proposta de Paulo Freire sobre essa temática. Tal proposta de Freire (1983) é substituir o conceito de extensão pelo de comunicação, pois representa melhor o que essa atividade desempenha. Compreendendo, então, a relação bilateral existente entre as ações de ‘extensão’.

A partir dessa mentalidade freiriana de ‘extensão’ como comunicação, o desenvolvimento das atividades expressa-se através da troca, da reciprocidade e da valorização de todos os indivíduos associados. Segundo Farias, Rodrigues e Cardoso (2019, p.4):

E esta troca de conhecimentos é algo fundamental para o aluno extensionista, pois a ele é dada a oportunidade de ensinar e aprender. Ensinar aquilo que aprende em sala de aula, nos laboratórios, nos debates acadêmicos; e aprender com a população, com o público alvo do projeto de extensão, os quais, embora muitas vezes não tenham conhecimento técnico, detêm o conhecimento tradicional, necessário para adaptar a técnica às demandas da comunidade.

As pesquisas nacionais relacionadas à extensão focalizam seus trabalhos no desenvolvimento dos projetos em si e na execução destes (BUFFA; CANELES, 2007; FERNANDES *et al.*, 2012; SILVA *et al.*, 2016) e não no entendimento da concepção de extensão a partir desses dois agentes – docentes e alunos, que representam os sujeitos principais que tornam a extensão possível. De acordo com Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), a extensão necessita de mais atenção e investimentos da gestão. Para Pereira dos Santos (2010), ainda há uma falha entre as concepções e práticas extensionistas em algumas universidades, impedindo que se tenha um conceito relativamente unânime sobre o papel e o que é extensão. Para alguns é função, para outros é comunicação e para outros é princípio (PEREIRA DOS SANTOS, 2010). Por esse motivo, o presente estudo busca o que diferentes atores institucionais e outros membros da sociedade entendem como extensão e como esses entendimentos influenciam na evolução dessa dentro das Universidades.

1.1 Problema de Pesquisa

Diante do exposto, o problema de pesquisa, então, gerado e que será discorrido no estudo será sobre: Qual é a compreensão sobre o que é a extensão e sua importância segundo docentes e alunos?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Descrever a concepção e a importância atribuída à extensão na visão dos dois atores principais que a envolvem – docentes e alunos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar as diferentes visões sobre extensão à luz da literatura científica nacional;
- Identificar a percepção de alunos e docentes a respeito dos projetos de extensão oferecidos pela Universidade;
- Identificar as sugestões oferecidas por discentes e docentes em relação à disseminação da concepção de extensão oferecida pela Universidade e da sua importância.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento dessa temática, o presente capítulo foi dividido em duas partes: a primeira visa compreender a origem e a fundamentação legal da extensão universitária brasileira e a segunda trata da dicotomia assistencialista e não assistencialista. Dessa forma, pode-se traçar um panorama sobre os principais conceitos utilizados pelas Universidades e de como estas desenvolveram seus programas de extensão. A pesquisa foi realizada em uma base especializada, Scielo, também através do Portal de Periódicos da CAPES e pelo Google Acadêmico. Foram utilizadas palavras-chave para pesquisa como “conceito de extensão”, “extensão AND universidade”, “extensão universitária” e “extensão acadêmica”. Na revisão da legislação brasileira, buscou-se as leis, decretos e resoluções relacionados à educação e à regulamentação de diretrizes para o ensino brasileiro de forma geral.

2.1 Extensão Universitária: Origem e fundamentação legal

Ao analisar a história da formação das Universidades no Brasil, percebe-se que se iniciou tardiamente. A primeira Universidade brasileira considerada oficial foi a Escola Universitária Livre de Manaus, criada em 1909. Após ela, vieram a Universidade Livre de São Paulo, em 1911 (COELHO, 2014), a Universidade Federal do Paraná, fundada em 1912, e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1920. Ao traçar um paralelo com os países vizinhos na América do Sul, tem-se a Universidade Nacional Maior de São Marcos, no Peru, criada em 1551 e a Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina, em 1613. Esta inclusive foi pioneira na América Latina em realizar um movimento estudantil em prol da extensão universitária, comprometida com mudanças sociais (GADOTTI, 2017). Infere-se, portanto, que o caminho trilhado pelas Universidades brasileiras é historicamente novo. Por esse motivo, as práticas de extensão universitárias não poderiam divergir.

Segundo Rodrigues *et al.* (2013), o assunto extensão surgiu na Inglaterra do século XIX, objetivando promover a educação continuada e a conduzir a sociedade para novos rumos. No entanto, foi somente a partir das décadas 1950 e 1960 que a universidade brasileira acordou para sua responsabilidade social, sendo influenciada pelos movimentos sociais e, particularmente, através da atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE) (GADOTTI, 2017). Foi a datar desse período no Brasil que as atividades de extensão

universitárias, mais próximas do que se entende como extensão hoje em dia, se iniciaram. O princípio, entretanto, dessas atividades, visava basicamente o mercado de trabalho e capacitação profissional dos alunos.

A fundamentação legal no Brasil, se iniciou antes das universidades atribuírem valor de fato à extensão. Foi a partir do Decreto nº 19.851 de 1931, que hoje está revogado, que o governo brasileiro começou a fazer referência à extensão. No art. 35, alínea “f” afirmava que dentro dos institutos de ensino superior profissional seriam realizados cursos como “cursos de extensão universitária, destinados a prolongar, em benefício coletivo, a atividade técnica e científica dos institutos universitários”. Tais cursos, ainda segundo essa legislação, seriam efetivados “por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário” (BRASIL, 1931).

De maneira mais recente, para Coelho (2014), a extensão universitária sofreu, no decorrer de 1970, mudanças conceituais relevantes. Especificamente em 1972, durante a Segunda Conferência Latino Americana de Extensão Universitária e Difusão Cultural no México, o conceito de extensão foi ampliado para além do caráter assistencialista e utilitário, atingindo uma função mais cidadã (COELHO, 2014). Ainda segundo o mesmo autor, a primeira expressão teórica, possivelmente, do novo conceito de extensão derivou-se da primeira reunião do Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), em 1987. Nesse evento, que se mostrou relevante para o avanço da formulação da extensão, 33 Universidades públicas se reuniram no I Encontro de Pró-reitores de extensão na Universidade de Brasília, em 1987, para discutir sobre o conceito de extensão e suas diretrizes para os próximos anos. De acordo com o FORPROEX:

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabilizada a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico (FORPROEX, 1987, p.11).

Dando continuidade à linha temporal, outro marco histórico, mas legal, referente à extensão foi estabelecido na Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), que determinou as diretrizes e bases da educação nacional. No capítulo IV, art. 43, inciso VII afirma que a educação superior tem por finalidade “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996). Segundo Coelho (2014), o conceito

traduzido por essa legislação introduziu a mentalidade da extensão como prática transformadora e bilateral, aonde tanto os docentes como os discentes têm a capacidade de aprender no processo.

Já no século XXI, em 2008, o governo brasileiro, a fim de ampliar e estimular as ações de extensão dentro das universidades para atingir as comunidades, criou, através do Ministério da Educação, o Programa de Extensão Universitária (PROEXT) - decreto nº 6.495 (BRASIL, 2008) – que objetiva dar suporte às universidades públicas nos programas ou projetos de extensão que contribuam para a efetivação das políticas públicas, que visavam à inclusão social. Para Chaves *et al.* (2019), o PROEXT buscava institucionalizar as práticas de extensão dentro das instituições de ensino superior federais e estaduais, tornando as condições de gestão das atividades acadêmicas melhores, assim como incentivando o desenvolvimento social brasileiro. Por meio desse programa, o Estado lança editais com objetivos específicos, sempre vinculados às suas políticas públicas, para que os projetos e programas de extensão se associem. O vencedor desse processo, segundo os critérios por eles estabelecidos, recebe subsídios do governo para a continuação do desenvolvimento de suas atividades. Dessa forma, ambos os lados se beneficiam, como o Estado utilizando as universidades como ferramenta para o atingimento de suas políticas e os projetos recebendo auxílio financeiro para a evolução de suas atividades extensionistas.

Como marcos mais recentes e significativos para a extensão tem-se a Lei 13.005 (BRASIL, 2014), que representa o Plano Nacional de Educação, que determinou a obrigatoriedade de, no mínimo, 10% do total de créditos curriculares serem vinculados a programas e projetos de extensão universitária. Tal Lei revela um interesse maior governamental na aplicabilidade e na indissociabilidade da extensão na formação dos universitários. Posteriormente, também, o Ministério da Educação estabeleceu, por meio da Resolução nº7 (BRASIL,2018), que regimenta o disposto na Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação, as Diretrizes para Extensão na Educação Superior Brasileira. De acordo com o art. 3º desta Resolução, a Extensão na Educação Superior promove a interação transformadora entre as instituições de ensino e os demais setores da sociedade. Percebe-se, portanto, que um dos objetivos, de acordo com essas legislações, é aprimorar cada vez mais a extensão e estabelecer uma conexão com as comunidades externas.

Depreende-se da linha do tempo sobre a fundamentação legal que foi traçada, que assim como a história da extensão universitária, ela também sofreu mudanças conceituais ao longo dos anos. Essa mudança é resultado de um avanço das Universidades, dos

docentes e do próprio Estado em tentar compreender o papel, a responsabilidade e o potencial de transformação que os projetos e programas de extensão possuem na sociedade brasileira. Pode-se perceber que a linha do tempo legal muda especificamente em alguns aspectos como: a importância e o valor dados à extensão, por meio da ênfase na indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão e o papel das comunidades externas no desenvolvimento dos projetos.

Ao analisar a primeira legislação criada, que abordava sobre o aspecto extensão, em 1931, depreende-se que essa se limitava ao seu significado etimológico de “estender algo a alguém”. Seu objetivo principal girava em torno de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário. Representava, apenas, uma ferramenta unilateral das Universidades levarem seu conhecimento extramuros. Esse decreto, no entanto, desempenhou uma função importante por iniciar a trilha de formação conceitual da extensão.

Em 1996, observando a lei de diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996), infere-se que a conceituação já muda, sendo ampliada para uma relação bilateral e participativa da sociedade. Juntamente com o PROEXT desenvolvido pelo Estado para subsidiar os programas e projetos, que o auxilia no atingimento de suas políticas públicas, e o Plano Nacional de Educação, em 2014, que exigiu a vinculação da extensão para a formação dos discentes. E, por último, a legislação de 2018, que trouxe a extensão como símbolo da interação transformadora entre as Universidades e a sociedade.

Cada etapa e cada lei no seu sentido amplo representou uma parte do processo para que se chegasse ao entendimento que se tem hoje sobre o que é extensão. A legislação sofreu alterações ao longo do tempo assim como a história brasileira das Universidades, que segundo Serrano (2013), passou por diversas transformações até chegar à ideia de extensão vinculada à cidadania. A partir dessa mentalidade é possível compreender o desenvolver dos efeitos da extensão dentro da Academia e na comunidade.

2.2. Dicotomia assistencialista e não assistencialista

A extensão universitária brasileira pode ser historicamente segmentada em dois períodos: a fase assistencialista e a não assistencialista (GADOTTI, 2017). Tais fases revelam muito sobre como se entende extensão nos dias de hoje e nos resultados e no alcance que ela obteve ao longo dos anos. Assim como na história da Administração Pública Brasileira, não se pode afirmar que esta deixou de ser patrimonialista e burocrática após passar pela Reforma Gerencial de 1995, também não se pode dizer que

há uma segmentação bem definida entre as fases assistencialista e não assistencialista da extensão brasileira.

O conceito de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão nem sempre foi uma realidade nas instituições de ensino superior. Por muitos anos, a ênfase das universidades girava em torno apenas da pesquisa, que recebia incentivos do governo por meio de diversos órgãos (FERNANDES *et al.*, 2012). Quando a extensão finalmente começou a ganhar espaço dentro da Academia, possuía forte influência dos dois outros pilares da formação universitária. Dentro desse contexto, a extensão começou de maneira assistencialista. De acordo com Buffa e Caneles (2007), a proposta de extensão universitária assistencialista representa um instrumento de complementação para o aprendizado dos universitários, fazendo uso da população meramente como pretexto para a prática dos conceitos ensinados nas salas de aula.

Segundo Carbonari e Pereira (2007), esses atributos são um reflexo de uma extensão legalmente imposta e não derivada do próprio desenvolvimento e maturidade das Instituições de Ensino Superior (IES). O Brasil, diferentemente de outros países da própria América Latina, iniciou sua trajetória na formação de nível superior há pouco mais de 100 anos. Por conseguinte, houve uma necessidade dessas instituições apressarem sua maturação e o mecanismo utilizado pelo Estado foi trazendo a obrigatoriedade através da legislação. Ainda de acordo com os mesmos autores, por a extensão ter sido algo imposto, representou um ato antidemocrático, pois não houve participação da população na sua formulação.

A não participação representou uma característica principal no ciclo assistencialista da história da extensão universitária. As Universidades, nesse contexto, subordinavam a extensão a apenas um complemento das demais atividades desenvolvidas pelas instituições (CARBONARI; PEREIRA, 2007). O termo ‘assistencialista’ utilizado para representar esse período específico, relaciona-se ao fato de as Universidades desenvolverem a extensão com a mentalidade de assistência. O papel das IES, dos docentes e discentes era o de transmitir seus conhecimentos unilateralmente para a população assistida. Não havia uma preocupação em adequar o conhecimento àquela realidade, ou de compreender bem o contexto e as demandas daquela comunidade. Ao analisar termo utilizado, percebe-se, inclusive, uma concepção de superioridade das Universidades diante da sociedade. Visto que são aquelas que dão a assistência e o conhecimento para o povo.

Contraopondo a essa mentalidade, surgiu o pensamento não assistencialista. Segundo Gadotti (2017), o idealizador dessa nova conceituação de extensão foi Paulo Freire, que associou a extensão a uma troca de saberes. Para Freire (1983), a extensão não se trata de apenas levar o conhecimento às pessoas, como era desenvolvido pela mentalidade assistencialista, mas sim uma relação mútua de aprendizado, aonde não há passividade de sujeitos e o objeto de comunicação é o conhecimento. O autor afirma que a prática da extensão sendo uma via unilateral de ensino representa “domesticação” dos homens. Segundo Freire (1983, p.65), a extensão não pode ser equiparada a apenas uma capacitação técnica, pois envolve um “processo de real conhecimento”, em que gera reflexões sobre si, sobre os outros e sobre seu contexto

Por envolver uma necessidade de decifração e de conexão com a comunidade externa, Freire (1983) sugere que a extensão não seja chamada de “extensão”, pois reflete uma relação superficial com a sociedade, mas sim chamada de “comunicação”, que implica necessariamente em uma reciprocidade que não é rompida facilmente. Segundo Freire (1983, p. 34), o objetivo da extensão como comunicação é “a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la e transformá-la”. Ratificando esse novo entendimento de extensão, Buffa e Caneles (2007) afirmaram haver uma necessidade que se estabeleça uma comunicação entre os saberes popular e acadêmico para que a extensão tenha a base fundamental para sua existência. Segundo Freire (1983), nesse processo deve haver um fluxo interativo entre todos os agentes da relação.

Depreende-se que a nova mentalidade não assistencialista de extensão muito se relaciona com a comunicação entre os agentes. Nesse sentido, Serrano (2013) afirma que a extensão é a experiência na sociedade e o conhecimento adquirido nesse processo é resultado do confronto acadêmico com a realidade da população. Para a autora, esse conceito representa o que pode ser chamado de extensão universitária democrática, que permite ter uma visão mais holística e integrada sobre a realidade social. Esse tipo de extensão faz com que os discentes conheçam a região, o povo, assim como sobre si mesmos e, dessa forma, adquirem uma nova visão de mundo, influenciando, inclusive, nas suas vidas profissionais (NUNES; VIEIRA, 2012).

A extensão universitária não assistencialista também busca estimular a ação conjunta e interdisciplinar do conhecimento para que o diálogo seja mais fluido, estimulando, assim, a participação da sociedade (FERREIRA; SILVA; ZANATTA, 2012). Ainda segundo os autores, esse tipo de extensão promove reflexões constantes

durante o decurso, visando compreender o homem em sua universalidade e em suas singularidades locais. Desse modo, a extensão suplanta qualquer conceituação limítrofe e assistencialista. De acordo com Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), essa relação participativa com a sociedade promove o surgimento de novos saberes, a sinergia de conhecimentos e propicia principalmente uma humanização dos envolvidos. A relação com a comunidade é essencial e somente a partir desse canal comunicativo que a extensão atinge o seu pleno desenvolvimento.

Nesse estudo, assume-se a concepção não assistencialista de extensão e, a seguir, é descrita a metodologia empregada na pesquisa empírica.

3. METODOLOGIA

A finalidade desse capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos que foram utilizados e que possibilitaram o atingimento dos objetivos de pesquisa.

3.1.Método, Classificação e Técnicas de Pesquisa

Utiliza-se como fundamento para a classificação desta pesquisa os dois aspectos propostos por Vergara (1998): quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins, a pesquisa realizada é descritiva, pois visa representar qualidades de um determinado grupo, estabelecendo juntamente conexões com suas variáveis e sua natureza (VERGARA, 1998). Nesta pesquisa, busca-se compreender a concepção de extensão e a importância dada a ela pelos seus dois agentes principais – docentes e alunos. Dessa forma, é possível conjugar as duas diferentes visões, captar como entendem extensão e como a influenciam por meio de suas ações. Para a realização dessa pesquisa, foi escolhida o método qualitativo que, segundo Zanelli (2002), se dá mais no estudo de casos particulares, do que abarcando populações extensas.

Quanto aos meios de investigação, a pesquisa é bibliográfica e foram utilizadas entrevistas. Bibliográfica, pois foi feita uma verificação da literatura nacional sobre aspectos como: conceito de extensão e da mudança dos conceitos de extensão ao longo do tempo. Destaca-se a utilização de entrevistas eletrônicas como técnica de coleta de dados. Segundo Morgan e Symon (2004, p.23), as “entrevistas eletrônicas são estudos de pesquisa que utilizam facilidades de comunicação eletrônica para acessar e se comunicar com os participantes”. Ainda segundo os mesmos autores, para as entrevistas existem algumas possibilidades, como: serem *on-line* e em tempo real, usando a Internet ou a Intranet de uma empresa ou *off-line* e assíncrona, utilizando o e-mail. Nesta pesquisa foi utilizado o *Whats App*, como ferramenta para se ter contato com os participantes de maneira assíncrona.

3.2.Participantes da pesquisa

Os participantes das entrevistas foram selecionados de forma não-probabilística, por ser mais indicada para pesquisas com emprego do método qualitativo (GASKELL, 2002). As pesquisas qualitativas visam compreender aspectos da realidade, que não podem ser quantificados, focalizando-se no maior entendimento e explicação da dinâmica das relações sociais (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Foram selecionados para as entrevistas docentes e discentes que trabalham e estudam na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Todos os docentes entrevistados são da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC), já os discentes foram de diversos cursos de graduação oferecidos pela UFRJ. Foram incluídos, também, alunos recém-formados, por serem capazes de opinar e ainda representar a realidade das universidades. A escolha dos entrevistados foi por acessibilidade. Segundo Gaskell (2002), o pesquisador pode optar pela escolha por acessibilidade, estabelecendo critérios relevantes para os indivíduos entrevistados, como, por exemplo, características sociodemográficas, formando, assim, correlações e selecionando um número específico de células. O intuito com a utilização desse critério é de compreender como um grupo específico de atores entendem extensão universitária. Foram selecionados 10 discentes e 9 docentes buscando um entendimento equilibrado de todos os atores. Cada um dos entrevistados foi nomeado por letras do alfabeto, de A à S, de acordo com a ordem das entrevistas. Destaca-se que a “finalidade da pesquisa qualitativa não é contar opiniões, mas sim explorar as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p.68).

3.3. Instrumentos

Como instrumentos das entrevistas, foram elaborados dois roteiros, sendo um para os alunos e outro para professores. No roteiro de entrevista, foram descritos detalhadamente os objetivos do estudo, o caráter de confidencialidade no tocante à identificação dos sujeitos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e agradecimentos pela participação (vide Apêndices A e B).

O roteiro semiestruturado foi subdividido em duas partes. A primeira parte abordou um pequeno número de perguntas abertas, baseando-se no que foi proposto por Morgan e Symon (2004) para a realização de entrevistas eletrônicas. Dessa forma, pôde ser compreendida a visão geral sobre extensão segundo os agentes. A segunda parte foram perguntas mais específicas a respeito da extensão e de seu funcionamento nas universidades. A partir das respostas dadas pelos participantes, foi levantada também mais algumas questões vinculadas, que permitiram abordar assuntos mais específicos dentro da temática estudada (MORGAN; SYMON, 2004) para uma melhor compreensão do ponto de vista do entrevistado.

O roteiro conteve sete perguntas, que serviram como tópicos guia para as entrevistas (GASKELL, 2002), para que não se fugisse da temática pesquisada e estão

disponibilizados nos Apêndices A e B. Além disso, foi perguntado sobre possíveis limitações encontradas pelos entrevistados sobre a extensão e sua importância e a possibilidade de se acrescentar algum comentário no final da entrevista.

3.4. Procedimentos de coleta e análise de dados

Como procedimentos para coleta de dados, foram utilizados para a realização das entrevistas o *Whats App*, através de áudios enviados pelos entrevistados. Dando liberdade a estes de responderem em seu tempo livre. Portanto, de acordo com Morgan e Symon (2004), as entrevistas foram assíncronas.

Para análise das entrevistas, foi empregada a técnica de análise de conteúdo que, de acordo com Gerhardt *et al.* (2009), a análise de conteúdo começa pela leitura das transcrições das entrevistas e pela interpretação do que foi exposto pelos entrevistados. Dentre as diferentes modalidades de análise de conteúdo, optou-se pela análise temática, que envolve a noção de tema e pode ser representada através de uma palavra, frase ou resumo (GERHARDT *et al.*, 2009). Segundo Bardin (2006), a análise de conteúdo pode ser dividida em i) pré-análise; ii) exploração do material e iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise é a fase de organização e possui quatro etapas: leitura flutuante, em que foram lidas as transcrições das entrevistas; a escolha de documentos, nesse caso, as entrevistas; a formulação das hipóteses e dos objetivos e elaboração de indicadores, que serão representados mais à frente na análise de resultados (BARDIN, 2006). A fase de exploração do material, ainda segundo o autor, representa apenas uma gestão das decisões tomadas na etapa de pré-análise. Por último, para Bardin (2006), os resultados obtidos através das entrevistas são tratados de forma que se tornem significados e válidos no contexto da pesquisa.

Esse procedimento de análise de dados, proposto por Bardin (2006) que é organizada em três etapas, visa relacionar, segundo Gerhardt *et al.* (2009), variáveis psicossociais, contextos culturais e processo de produção de mensagem. Após a transcrição das entrevistas, foram feitas categorias de análise *a posteriori*, derivadas das falas dos entrevistados (FRANCO, 2003), que representaram opiniões similares dos entrevistados. Essas categorias *a posteriori* foram criadas na fase de tratamento dos resultados, terceira fase da análise de conteúdo (BARDIN, 2006), dando sentido e validade às falas dos entrevistados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados das entrevistas semiestruturadas, com professores e alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a extensão universitária. Ele foi subdividido em três grupos: discentes, docentes e síntese de resultados. Também foram discutidos os resultados referentes às categorias que expressam as percepções segundo os dois principais atores relacionados à extensão.

4.1. Discentes

Esse bloco foi-se dividido em três grupos de categorias a respeito da extensão e em como os alunos universitários a percebem.

4.1.1. Concepção e importância da extensão universitária

No Quadro 1, encontram-se as sete categorias que retratam as diferentes concepções de extensão trazidas pelos alunos entrevistados, bem como a importância por eles atribuída.

Quadro 1- Categorias da concepção e importância da extensão universitária (discentes)

Concepção e importância da extensão universitária	
I	Desenvolvimento de conhecimentos complementares ao ensino
II	Identificação de novas áreas de interesse
III	Preparação e desenvolvimento para o mercado de trabalho
IV	Retribuição da Universidade pelo ensino público
V	Auxílio e troca com a comunidade
VI	Construção de empatia
VII	Aplicação do aprendido em sala de aula

Fonte: elaborado pela autora.

A seguir, cada uma das categorias constantes do Quadro 1 será detalhada a partir de uma definição operacional, bem como exemplos de falas dos entrevistados. Em seguida, discutidas à luz da literatura revisada.

No Quadro 2, encontra-se o entendimento de extensão como sendo o desenvolvimento de conhecimentos complementares ao ensino.

Quadro 2- Descrição da Categoria “Desenvolvimento de conhecimentos complementares ao ensino”

Desenvolvimento de conhecimentos complementares ao ensino	
Definição	A extensão como um meio de acesso a novas informações não disponíveis nas salas de aula e aumento do contato com diferentes conhecimentos existentes na universidade.

Verbalizações	<p>“A extensão universitária [...] aumenta a possibilidade de coisas que o estudante vai aprender dentro da faculdade”.</p> <p>“Além de permitir um leque mais amplo de áreas de conhecimento dentro daquele curso...”</p> <p>“... o contato com os professores e os entrevistados, novos assuntos e novos temas”.</p> <p>“... despertar o interesse e uma curiosidade pelo assunto das coisas que fiz parte”. “... eu acho que extensão dá uma possibilidade de aprendizado muito grande, que outras vivências não dão”.</p> <p>“... ter contato com alguns estudos superinteressantes...”</p> <p>“Eu acredito que os projetos de extensão são feitos para os alunos se capacitarem, não ficarem apenas na sua área”.</p> <p>“... acredito que são feitos para aumentar nossos leques de conhecimento e conectar o seu conhecimento do seu estudo em uma outra área”.</p> <p>“... para colocar os alunos em outras”.</p>
---------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

A primeira temática abordada pela maioria dos entrevistados foi a respeito da extensão como uma oportunidade de se desenvolver por meio de novos conhecimentos. Conhecimentos esses que não seriam encontrados em sala de aula. Essas afirmações vão ao encontro com o entendimento do que caracteriza uma universidade. A universidade não é só ensino, não é somente conhecimento científico, mas sim um lugar capaz de aprimorar o aluno, explorando diferentes vertentes do conhecimento. Segundo Meyer Júnior e Lopes (2015), as universidades possuem atividades mais complexas por envolver a integração das funções de ensino, pesquisa e atendimento à comunidade. Entende-se atendimento à comunidade de maneira ampla, por incluir a sociedade nas atividades da universidade.

A extensão universitária funciona como uma ferramenta, segundo o entendimento dos entrevistados, capaz de facilitar esse processo considerado complexo, que é o de expansão novos de conhecimentos. As atividades de extensão fazem com que o aluno aprenda a respeito de assuntos que não estão necessariamente ligados à Academia, ou a sua formação, mas que aprendam sobre temáticas que poderão aplicar em diferentes áreas de suas vidas, seja pessoal, acadêmica ou profissionalmente. Tais atividades permitem com que os discentes saiam da universidade com uma carga maior de conhecimentos e vivências, que vão além dos conteúdos ministrados nas disciplinas.

Foi também abordado sobre o fato de a extensão trazer consigo o contato com diferentes tipos de pessoas, com diferentes pensamentos e posicionamentos. Isso faz com que haja um desenvolvimento do conhecimento interpessoal, do aprender a lidar com pessoas diferentes. No entanto, cabe uma ressalva a essa concepção de extensão, pois está extremamente ligada ao “eu” e ao “meu próprio desenvolvimento” e não ao todo, ao

transmitir algo a alguém e a transformar a sociedade. Como ressaltam os autores Ferreira, Silva e Zanatta (2012) e Serrano (2013).

No Quadro 3, encontra-se destrinchada a concepção de extensão universitária como sendo a identificação de novas áreas de interesse.

Quadro 3- Descrição da categoria Identificação de novas áreas de interesse

Identificação de novas áreas de interesse	
Definição	A extensão gera a possibilidade do aluno se autoconhecer e conhecer novas áreas de interesse.
Verbalizações	<p>“... descobrir aquilo como a paixão dele ou como a carreira que ele quer seguir.”</p> <p>“o contato [...] com novos assuntos e novos temas.”</p> <p>“... já se formou e está trabalhando nessa área, porque descobriu que gostava disso com a extensão.”</p> <p>“A nossa área é muito envolvida com finanças, mas nada impede que a gente desenvolva para área pessoal ou acadêmica.”</p>

Fonte: elaborado pela autora.

A extensão, segundo essa concepção, dá a oportunidade dos estudantes e a todos os envolvidos descobrirem novas áreas de interesses. As experiências vividas através das atividades de extensão fazem com que os discentes desenvolvam um autoconhecimento a respeito do que lhes geram entusiasmo e curiosidade. Dessa forma, os alunos extensionistas têm a oportunidade de desempenharem e focalizarem suas futuras atividades profissionais no mercado de trabalho com suas áreas de interesse, que descobriram por meio da extensão universitária.

Por meio da extensão, alguns alunos despertam também o interesse na pesquisa científica, na vontade de estudar mais profundamente as experiências vividas nos projetos de extensão. Essa realidade reflete exatamente o porquê de as universidades públicas serem formadas pelos três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Devido ao fato que não há uma dissociação desses pilares, um complementa o outro e abre portas para o outro (BRASIL, 1988).

No Quadro 4, apresenta-se a explicação, juntamente com as verbalizações, do entendimento de extensão, como a preparação e desenvolvimento para o mercado de trabalho.

Quadro 4- Descrição da Categoria “Preparação e desenvolvimento para o mercado de trabalho”

Preparação e desenvolvimento para o mercado de trabalho	
Definição	A extensão universitária vista como uma ferramenta de capacitação do aluno para a entrada no mercado de trabalho. Ela representa uma forma de preparação e amadurecimento do aluno para as atividades que irá desempenhar profissionalmente.
Verbalizações	<p>“... me ajudou bastante na vida pessoal, quanto acadêmica e profissional para eu conseguir me expressar melhor...”</p> <p>“Pra mim a extensão é uma preparação que a faculdade dá para o mercado de trabalho para estágio, para lidar com pessoas, colegas de trabalho, para saber lidar com prazo, com responsabilidade e conseguir balancear tudo isso com a vida acadêmica e graduação”.</p> <p>“Como se fosse um estágio mesmo, só que dentro da Universidade”.</p> <p>“Às vezes a gente não concorda com o que o colega fala e tem q decidir e vocês vão ter que conversar e achar um jeito e chegar em um consenso e fazer decisões em grupo. Então, tudo isso é muito importante, porque a gente não treina tanto isso dentro da faculdade no curso”.</p> <p>“... com um propósito de treinar para o mercado de trabalho, para conhecer mais pessoas e criar uma rede de conexão”.</p> <p>“Para a gente é quase como se fosse um estágio. Porque a gente vivencia e trabalha junto como se realmente fosse um estágio”.</p> <p>“E isso é muito bom, não só pra minha vida pessoal, mas para a vida profissional, que eu posso declarar para outras pessoas e cobrar pelos meus serviços”.</p> <p>“... essas atividades agregam uma experiência aos estudantes, certas experiências [...] muitas vezes essencial para a vida pessoal e profissional da pessoa.”</p>

Fonte: elaborado pela autora

Os alunos que fazem parte de projetos de extensão têm a oportunidade de se capacitarem e desenvolverem competências que utilizarão em suas vidas profissionais. Mediante esse envolvimento dos discentes, eles são capazes de desenvolverem habilidades interpessoais, como lidar com pessoas e resolverem conflitos. Segundo a Entrevistada B, “às vezes a gente não concorda com o que o colega fala e tem que decidir, vocês vão ter que conversar, achar um jeito, chegar em um consenso e fazer decisões em grupo”. Essas habilidades seriam mais difíceis de serem desenvolvidas em sala de aula. Por esse motivo, a extensão capacita o aluno para o mercado de trabalho.

Destaca-se que também são exigidas do aluno atividades que demandam responsabilidade e prazos determinados. Deste modo, os extensionistas lidam com realidades e experiências, que serão exigidas em seus trabalhos. A maioria dos alunos universitários não tem a oportunidade de trabalhar antes de iniciar a graduação. A extensão universitária surge como uma oportunidade de os alunos construírem uma bagagem inicial antes de se inserirem no mercado de trabalho, pois aquela demanda certos comportamentos e compromissos dos estudantes extensionistas.

Essa concepção foi levantada por quase todos os discentes entrevistados, como um entendimento principal da extensão. Apesar da extensão ser realmente capaz de auxiliar o desenvolvimento de habilidades e competências nos alunos, o entendimento dessa como essencialmente “profissionalizante” gera certa limitação. De acordo com Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), a extensão é uma atividade participativa, que envolve a sociedade em todo seu processo. Portanto, se a essencialidade só estiver relacionada com o se tornar um profissional mais qualificado, a extensão perde seu caráter social e recíproco com a sociedade (FREIRE, 1983).

No Quadro 5, está representando a concepção de extensão, com sua definição e verbalizações, como a retribuição da universidade à sociedade.

Quadro 5- Descrição da categoria “Retribuição da Universidade à sociedade”

Retribuição da universidade à sociedade	
Definição	A Universidade é custeada pela população e a extensão funciona como um instrumento para se retribuir o investimento realizado na própria Universidade.
Verbalizações	<p>“Poder retribuir essa oportunidade que estamos tendo de ter um ensino de qualidade gratuito e poder retribuir isso pra comunidade também”.</p> <p>“... é muito importante devolver um pouquinho do que a gente está recebendo de maneira gratuita...”</p> <p>“É porque é a população que sustenta a Universidade. Nada mais justo que a Universidade estabeleça um diálogo com a população”.</p> <p>“Primeiro, os alunos da UFRJ têm uma obrigação e um papel de retribuir a sociedade aquilo que eles estão recebendo”.</p> <p>“... é importante os alunos retribuírem para a sociedade aquilo que eles recebem de conhecimento, de vivências dentro da Universidade, então a extensão teria um papel importante nesse sentido”.</p> <p>“É sobre passar o conteúdo que a gente produz para fora.” “Mostrar que a contribuição que as pessoas têm com o nosso estudo está voltando para a população, está voltando para a sociedade”.</p> <p>“... tudo que a gente aprende, tudo que a gente pesquisa, tudo que a gente estuda numa Universidade é para o público, é para as outras pessoas, é para a população como um todo. Até porque quem financia isso tudo que a gente faz é a população como um todo”.</p> <p>“... uma forma de devolver o que está sendo investido na gente, assim como uma questão de valorização. Porque a gente vê a cada que passa que estão valorizando cada vez menor as Universidade públicas, a educação pública”.</p> <p>“... explica como a gente faz dentro da faculdade. Ainda mais que teve aquela fase da “faculdade é balbúrdia”, não, não é. A gente estuda, a gente passa o estudo pra frente”.</p>

Fonte: elaborado pela autora

No Brasil, as universidades públicas são custeadas pelo Estado e a principal fonte de arrecadação do Estado são os tributos e esses são cobrados da população. Por isto, uma das formas que a universidade tem de estabelecer uma ponte com a sociedade, buscando retribuir diretamente o investimento realizado pela população no sustento do ensino

superior público é através da extensão universitária. Os alunos entendem que a extensão funciona como uma ferramenta de devolução à comunidade uma parcela do conhecimento desenvolvido pela Academia.

Ainda nessa perspectiva, a Entrevistada G afirmou que a extensão “*explica como a gente faz dentro da faculdade. Ainda mais que teve aquela fase da “faculdade é balbúrdia”, não, não é. A gente estuda, a gente passa o estudo pra frente.*” Dessa forma, a extensão universitária exerce um papel relevante no sentido de mostrar à população que os conhecimentos desenvolvidos na universidade são do povo, pertencem ao povo, que toda a população é responsável pelo o que é desenvolvido lá dentro.

Além de revelar que os investimentos feitos nas universidades geram frutos, às vezes não palpáveis, mas relevantes para o desenvolvimento do próprio país. A Entrevistada I afirmou que a extensão envolve “*também a questão de chamar o pessoal pra dentro da UFRJ*”. Ou seja, estabelecer uma relação com a comunidade e mostrar a ela os resultados positivos de seus investimentos.

No Quadro 6, representa-se a categoria de auxílio à sociedade, como mais uma interpretação dos discentes sobre extensão universitária.

Quadro 6- Descrição da categoria “Auxílio à sociedade”

Auxílio à sociedade	
Definição	A extensão como atividades desenvolvidas para auxiliar a comunidade, como trabalhos voluntários e sociais. Além de ser uma relação bilateral com a comunidade. É uma troca de conhecimentos. Há um aprendizado mútuo das partes.
Verbalizações	<p>“... atividades que trouxessem frutos para a comunidade, como um trabalho voluntário”.</p> <p>“Você está ajudando a comunidade, você se sente bem de estar fazendo o bem...”</p> <p>“A proposta era de ser o lazer, que muitas das pessoas não tinham acesso, não tinham um grupo de apoio, não tinham acesso a fazer atividades de lazer”.</p> <p>“Isso é importante para a comunidade, que precisa da extensão tanto para ajudar nos conhecimentos, tanto para ajudar economicamente, porque tem algumas extensões que são voltadas a ajudar a comunidade a ganhar um sustento, a prepara-las para ganhar algum sustento”.</p> <p>“Minha amiga participa de um projeto de extensão, que é para ajudar alunos de escola pública a fazerem vídeos e projetos audiovisuais”.</p> <p>“... para que a Universidade tenha o seu papel de fomento, um papel social, seria importante ela cumprir aquilo que dá o nome de uma Universidade...”</p> <p>“A gente faz maquete para visita em escolas, recebe escolas, tem uma parte do projeto que visita asilo e explica saúde sexual e saúde do corpo para os idosos”.</p> <p>“Também a questão de chamar o pessoal pra dentro da UFRJ”.</p> <p>“E a famosa frase “quebrar os muros da Universidade”, que a gente acabar fechando”.</p>

“É muito bom ensinar algo a alguém, todo mundo que puder ter essa oportunidade tenha”.

“... fazer com que ele volte diretamente para a comunidade, ainda durante o período que a gente estuda”.

“Ou encontrar pessoas que tem um conhecimento muito grande, as vezes maior que o nosso que está na faculdade, mas não dá nome científico para as coisas”.

“Então eu acho que isso de extensão também tem uma troca contrária, eu também aprendi muito com as pessoas que estavam fora da Universidade”.

“Também a questão de chamar o pessoal pra dentro da UFRJ”. “É uma das coisas que eu mais valorizo na minha graduação”.

Fonte: elaborado pela autora.

Essa concepção possui forte relação com a anterior, no entanto, aqui é enfatizado o trabalho social desenvolvido através das ações de extensão. A extensão é vista como uma ferramenta da universidade para prestar auxílio à comunidade por meio de seus serviços e conhecimentos. O que é desenvolvido dentro a universidade deve ser colocado à disposição da sociedade por meio dos projetos de extensão.

Essa interpretação poderia ser associada à visão assistencialista da extensão. Segundo Buffa e Caneles (2007), dentro desse entendimento, a comunidade é apenas um meio de aplicação dos conhecimentos aprendidos nas universidades. Entretanto, as verbalizações refletem que houve uma troca entre os estudantes que prestavam o auxílio e a comunidade. Os extensionistas auxiliavam a sociedade e interpretavam a extensão dessa maneira, mas também eram transformados nesse processo. A troca e a bilateralidade das relações surgiu como algo natural dentro do processo extensionista. Essa via de mão dupla representa exatamente o que Freire (1983) afirma ser extensão, a comunicação entre os agentes e a transformação de ambos no processo.

Os alunos que se envolveram com a extensão e tiveram contato com o público externo à universidade conseguiram estabelecer uma troca de conhecimentos. Além de enxergar a comunidade como detentora de saberes e capaz de também ensinar a esses alunos.

No Quadro 7, refere-se à concepção de extensão relacionada a extensão como responsável pela construção de empatia.

Quadro 7- Descrição da categoria “Construção de empatia”

Construção de empatia	
Definição	A extensão permite que o aluno se depare com realidades diferentes da dele. Compreenda melhor o outro. Veja, conviva e lide com as diferenças.
Verbalizações	<p>“Porque você percebe que os problemas que você vê no dia a dia às vezes não são tão grandes quanto você imagina”.</p> <p>“Você percebe o quão importante é aquele tempo que você está saindo um pouquinho das suas obrigações profissionais”.</p> <p>“Parar um pouco e ver uma visão mais ampla do que realmente é importante”.</p> <p>“Às vezes a gente tinha que chegar nos espaços e explicar que estávamos ali com um projeto, que eles não precisavam olhar torto”.</p> <p>“As pessoas têm a tendência de reduzir as pessoas que têm qualquer tipo de diagnóstico a uma patologia mental, só por isso, então a gente não falava sobre isso”.</p> <p>“As experiências me ajudaram muito a desconstruir um preconceito”.</p> <p>“A vivência me ajudou muito a quebrar isso tudo, e hoje em dia, inclusive como uma futura profissional, eu consigo enxergar todas as questões com um outro olhar, um olhar mais humano e que olha para cada indivíduo”.</p> <p>“Eu acho que todo mundo deveria ter uma experiência assim, para quebrar muitas preconceções que temos sobre as pessoas”.</p> <p>“... eu tinha a visão do cientista como arrogante e a ciência não precisa ser arrogante.”</p> <p>“A extensão era [...] minha forma de lidar com o público, de lidar com as pessoas e entender as pessoas.”</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Essa categoria se relaciona fortemente com a concepção de extensão presente na literatura, inclusive na concepção proposta por Freire (1983), sobre a extensão ser uma relação bilateral. À medida que os alunos extensionistas e os professores são capazes de enxergar a sociedade e as pessoas que são o alvo de seus projetos de extensão como agentes de transformação, há a construção de empatia. Empatia derivada do olhar para o próximo, de ver as demandas e as carências da sociedade, de enxergar além dos seus próprios compromissos acadêmicos. Para Serrano (2013), a extensão existe exatamente nesse confronto da Academia com a realidade da sociedade.

O Entrevistado C salientou que a extensão é importante para “*parar um pouco e ver uma visão mais ampla do que realmente é importante*”. Essa fala demonstra que, de fato, houve uma troca, uma relação, uma transformação de ambas as partes. Ele pôde olhar para o outro e reconhecer a importância do seu envolvimento no projeto, de como sua participação realmente faz a diferença. A construção de um olhar mais humano para o próximo faz com que os alunos envolvidos com a extensão se insiram no mercado de trabalho com essa mentalidade. De acordo com Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), essas experiências vividas na extensão pelos extensionistas e professores geram uma humanização desses. Portanto, a participação e o envolvimento com a extensão

universitária influenciam na formação de indivíduos melhores. Segundo Meyer Júnior e Lopes (2015, p.48), a faculdade deve cumprir “*seu papel educacional e social - transformar seres humanos em profissionais e cidadãos orientados por princípios éticos, que lhes possibilitem viver e contribuir para uma vida melhor em uma sociedade melhor, mais junta e menos desigual*”. Através da extensão a universidade é capaz de realmente cumprir seu papel educacional e social.

No Quadro 8, apresenta-se a última categoria atrelada à concepção e importância da extensão universitária. A extensão universitária como aplicação do aprendido em sala de aula.

Quadro 8- Descrição da categoria “Aplicação do aprendido em sala de aula”

Aplicação do aprendido em sala de aula	
Definição	A extensão como maneira de se aplicar os conhecimentos desenvolvidos e aprendidos em sala de aula.
Verbalizações	<p>“... é importante para o discente porque ele vai colocar em prática aquilo que ele aprende na faculdade, na teoria, na sala de aula”.</p> <p>“A gente estuda e passa o estudo para frente”.</p> <p>“Então eu entendo essa questão de a extensão como levar coisas, levar conhecimento, tanto conhecimento geral sobre coisas que a gente estuda na faculdade, quando o que a gente está fazendo na faculdade”.</p> <p>“... porque não tem melhor maneira de se aprender alguma coisa, do que colocar essa coisa em prática”.</p> <p>“Então teoricamente se a gente estiver fazendo um curso e a gente usar a extensão universitária voltada para aquele curso, a gente aprende até mais que durante as aulas, provavelmente”.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo essa concepção abordada pelos discentes, a extensão também representa uma oportunidade de se aplicar os conhecimentos aprendidos em sala de aula. Os alunos são capazes de praticarem o que aprenderam nesse contexto. Depreende-se, também, que a extensão possui um papel informativo de apresentar o que é desenvolvido dentro da universidade à sociedade. O Entrevistado F afirmou que não tem “*melhor maneira de se aprender alguma coisa, do que se colocar essa coisa em prática*”. Por conseguinte, de fato, a extensão universitária auxilia os discentes a compreenderem melhor o que desenvolvem nas salas de aula e absorverem melhor os conteúdos.

A aplicação do aprendido em sala de aula representa a inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão. No entanto, a aplicação crua e já pré-definida dos conhecimentos, que não visa a comunicação com a sociedade merece uma ressalva. A interação entre ambos os conhecimentos – acadêmico e da sociedade – deve ser visado dentro das atividades extensionistas. Segundo Farias, Rodrigues e Cardoso (2019), a extensão

representa o desenvolvimento de novos saberes com a participação da comunidade. Nesse entendimento dessa categoria ainda há um resquício da mentalidade assistencialista sobre a extensão. Aonde essa é vista apenas como uma oportunidade de aplicação de conhecimentos e não uma verdadeira oportunidade de interação entre os agentes. A reciprocidade de aprendizado faz com que a extensão seja compreendida como comunicação, proposta por Freire (1983).

4.1.2. Obrigatoriedade da extensão na graduação

No Quadro 9, foram destacadas três categorias relacionadas à obrigatoriedade da extensão na graduação, de acordo com as opiniões dos discentes entrevistados.

Quadro 9- Categorias da obrigatoriedade da extensão na graduação (discentes)

Obrigatoriedade da extensão na graduação	
I	Oportunidade de identificação de áreas de interesse
II	Consequências negativas na atuação nos projetos de extensão
III	Participação compulsória em extensões fora do interesse do aluno

Fonte: elaborado pela autora

Em seguida, cada uma das categorias constantes do Quadro 9 será detalhada a partir de uma conceituação destrinchada, bem como exemplos de falas dos entrevistados. No Quadro 10, destaca-se que a obrigatoriedade proporciona a oportunidade de identificação de áreas de interesse.

Quadro 10- Descrição da categoria “Oportunidade de identificação de áreas de interesse”

Oportunidade de identificação de áreas de interesse	
Definição	A obrigatoriedade torna a participação do aluno compulsória, fazendo com que esse tenha contato com conhecimentos novos, experiências novas, que se não houvesse a obrigatoriedade, não teria acesso.
Verbalizações	<p>“... se eu tivesse essa obrigatoriedade eu teria feito horas de extensão...”</p> <p>“... outras pessoas podem entrar na faculdade na mesma situação que eu e só vendo depois o erro que cometeram de não terem se envolvido na extensão”.</p> <p>“... a obrigatoriedade estimula os alunos a participarem e a fazerem”.</p> <p>“... muitas pessoas não teriam noção do quanto é legal, do quanto é agregador para você, muitas pessoas vão aprender isso na prática...”</p> <p>“Eu acho que se não fosse obrigatório, muitas pessoas iriam passar pela graduação sem ter essa experiência e eu acho que ela é muito importante”.</p> <p>“...eu mesma comecei com um pouco de birra [...], mas acabou que me apaixonei pelo meu projeto...”</p> <p>“... para que ele descubra algo que ele nem fazia ideia que gostava, mas conta da obrigatoriedade de fazer aquilo, ele vai conseguir se identificar e ver que isso que ele gostaria pra vida dele”.</p> <p>“É importante, faz mesmo que não queira e depois você vai ver que é bom”.</p>

<p>“A obrigatoriedade faz a gente conhecer, ter que entender, ter que para pra fazer e acabar conhecendo e fazendo”.</p>
--

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo esse entendimento, a obrigatoriedade traz consigo o dever do aluno em se envolver com a extensão universitária para completar sua graduação e, dessa forma, ter a oportunidade de se deparar com conhecimentos que atraíam seu interesse. A descoberta dessas novas áreas de interesse não teria sido possível se a extensão universitária não fosse obrigatória para o aluno. Assim, o dever, trazido por meio da legislação pátria (BRASIL, 2014), através da Lei 13.005, e dos normativos institucionais da universidade, impulsionam à oportunidade do discente se desenvolver e ampliar seus conhecimentos na sua graduação.

Destaca-se que, segundo os discentes, essa identificação de áreas de interesse, se ficassem a critério do discente, não existiria. Um dos entrevistados afirmou que se a obrigatoriedade tivesse sido cobrada dele, ele teria se envolvido desde o início e não teria perdido a oportunidade de fazer extensão. Contextualizando, esse entrevistado não tinha a obrigatoriedade de fazê-la, mas demonstra arrependimento, pois no final da faculdade pôde ter contato com alguns projetos. Ele participou como ouvinte, mas não na parte interna dos projetos de extensão.

Outros entrevistados destacaram, também, a questão de mudança de rumo de suas carreiras devido a esse descobrimento de um novo interesse. O Entrevistado D declarou “*nada impede que a gente desenvolva para uma área pessoal ou acadêmica*”. Dessa forma, o discente pode ressignificar seu caminho na faculdade a partir de uma experiência que teve em algum projeto de extensão que realizou. A experiência extensionista, porquanto, se apresenta como uma ferramenta essencial para que os alunos possam ter a convicção de seus rumos em suas carreiras e vidas profissionais.

No Quadro 11, encontra-se uma representação da obrigatoriedade da extensão como sendo um fator negativo na formação do discente.

Quadro 11- Descrição da categoria “A obrigatoriedade da extensão como fator negativo”

A obrigatoriedade da extensão como fator negativo	
Definição	A obrigatoriedade faz com que o aluno não realize suas atividades por livre e espontânea vontade, gerando consequências negativas nos projetos de extensão.
Verbalizações	

<p>“Acho que qualquer coisa que fazemos obrigados, começa a atrapalhar um pouco. Numa questão de você não ter motivação para fazer as coisas”.</p> <p>“Até porque quando você faz uma coisa obrigado, às vezes a qualidade não sai tão boa”.</p> <p>“...acaba sendo uma coisa que não dá fruto, porque fazer uma coisa que você não está com vontade não vai ser bom nem para você, por estar fazendo uma coisa obrigada e nem para as pessoas que vão estar recebendo”.</p> <p>“Você não tem motivação para fazer as coisas”.</p> <p>“Mas a questão da obrigatoriedade pode ser ruim, porque às vezes as pessoas podem fazer por fazer e não fazerem bem feito”.</p> <p>“Eu acho que tornar a extensão obrigatória, o estudante faz por obrigação”.</p>
--

Fonte: elaborado pela autora.

Assim como a obrigatoriedade pode abrir portas para o aluno se descobrir e se autoconhecer, por meio de novas áreas de interesse, aquela também pode gerar consequências desfavoráveis. E esses resultados impactarem diretamente nos projetos de extensão. Segundo o que foi exposto nas entrevistas, a compulsoriedade faz com o aluno participe de qualquer atividade de extensão apenas para cumprir as horas necessárias para a sua formação, sem o envolvimento necessário.

Salientou-se, da mesma forma, a realização das atividades extensionistas sem motivação e sem muita qualidade. O Entrevistado C destacou para a questão de *“acaba sendo uma coisa que não dá fruto, porque fazer uma coisa que você não está com vontade não vai ser bom...”*. Nesse ponto foi evidenciada a questão de o desempenho dos alunos não ser o melhor possível, pois esses se veem obrigados a realizar tais atividades. A sociedade não teria o melhor resultado com as extensões por conta dos alunos a fazerem obrigados e não por livre e espontânea vontade.

Uma observação a ser feita a respeito desse posicionamento diante da obrigatoriedade pelos alunos é que a obrigatoriedade não necessariamente deve gerar resultados medianos ou baixos para a extensão universitária. Isso se reflete, da mesma maneira, nas disciplinas cursadas pelos alunos, que devem ser cursadas com responsabilidade e comprometimento. A extensão universitária faz parte da formação do aluno como um todo, então deve se buscar obter o melhor resultado possível para que reflita positivamente na sua formação. Existe a possibilidade desse posicionamento estar relacionado a não valorização da extensão universitária como parte integrante e essencial da formação do discente.

No Quadro 12, é representado o entendimento da obrigatoriedade como responsável pela participação compulsória em extensões fora do interesse do discente.

Quadro 12- Descrição da categoria “Participação compulsória em extensões fora do interesse do aluno”

Participação compulsória em extensões fora do interesse do aluno	
Definição	A necessidade de cumprir as horas de extensão demandadas faz com que o aluno participe de extensões que estão fora de sua área de interesse, apenas pra cumprir a carga horária.
Verbalizações	<p>“... às vezes ele não consegue fazer as atividades que se interessa e acaba tendo que fazer uma outra que não tenha tanto a ver com ele e acaba sendo uma coisa que não dá fruto, porque fazer uma coisa que você não está com vontade não vai ser bom...”</p> <p>“Eram coisas meio jogadas assim, só para a pessoa fazer alguma coisa, só para conseguir hora”.</p> <p>“..., porém eu fui obrigado a fazer esse projeto de extensão, porque não tinha um outro projeto de extensão”.</p> <p>“... pode ser algo que agregue muito o seu currículo ou pode ser uma coisa só passageira”.</p> <p>“Como eu falei, a gente acaba fazendo muita coisa, esse projeto que faço não tem nada a ver com Nutrição, que é o que faço, tudo bem que aprendo bastante, mas não sei se agrega bastante como poderia agregar a minha formação...”</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo essa categoria, a obrigatoriedade traz consigo a participação em projetos de extensão universitários, que não são do interesse do aluno. A obrigatoriedade faz com que uma grande quantidade de alunos demande pela extensão para completar sua formação. Entretanto, dependendo do curso do discente, não há muitas extensões. O Entrevistado J afirmou “*é difícil você encontrar extensão de certos cursos. No meu é muito difícil ter...*”. Isso faz com que o aluno busque extensões disponíveis apenas para cumprir com sua obrigação. Mediante essa realidade, há um envolvimento em extensões totalmente desconexas à área de interesse do aluno, fazendo com que a fase de atuação na extensão não seja a mais produtiva possível.

Todos os entrevistados que realizaram atividades extensionistas disseram ter aprendido e evoluído bastante no processo. Foi destacado, no entanto, sobre a possibilidade de ela ter sido melhor aproveitada por não ter sido relacionada à área do discente. O Entrevistado F salientou “*tudo bem que aprendo bastante, mas não sei se agrega bastante como poderia agregar a minha formação*”. Esse entrevistado é da área da saúde e atua em um projeto de extensão não relacionado a saúde.

4.1.3. Conhecimento sobre extensão na universidade

No Quadro 13, refere-se à temática de conhecimento sobre extensão na universidade e suas duas categorias correlacionadas.

Quadro 13- Categoria do conhecimento sobre extensão na universidade (discentes)

Conhecimento sobre extensão na universidade	
I	Desconhecimento dos processos e informações sobre extensão
II	Falta de interesse na extensão

Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, cada uma das categorias presentes no Quadro 14 será detalhada a partir de uma explicação operacional, bem como exemplos de falas dos entrevistados. Já no Quadro 14, representa um dos motivos pelo qual o conhecimento sobre extensão na universidade não é grande, pois há um desconhecimento dos processos e informações sobre extensão.

Quadro 14- Descrição da categoria “Desconhecimento dos processos e informações sobre extensão”

Desconhecimento dos processos e informações sobre extensão	
Definição	O grau de conhecimento é baixo sendo derivado do desconhecimento do funcionamento dos processos formais de matrícula, de quais projetos estão abertos e disponíveis, número de vagas, o número de horas que deverão ser feitas.
Verbalizações	<p>“Eu não sei em que meio que pode ser visto, às vezes recebo um ou outro e-mail do SIGA falando sobre extensão, [...], mas a gente não consegue ter muito contato com relação a isso”.</p> <p>“Eu tenho certeza que meus amigos também não sabem”.</p> <p>“... de não saber muito sobre as oportunidades que existem hoje...”</p> <p>“durante as aulas a gente não vê nenhuma menção sobre as atividades de extensão”.</p> <p>“... porque acho que uma questão que falha absurdamente, que é a comunicação e a disseminação de informações”.</p> <p>“... eu percebi que quase ninguém sabe direito o que é extensão, por que ela existe e como faz para participar de algum projeto”.</p> <p>“... falta sim um pouco da parte da UFRJ divulgar um pouco mais dos projetos e tornar mais fácil o acesso a eles”.</p> <p>“Mas sem o conhecimento de quais são os projetos presentes na Universidade, a gente não consegue ter pelo menos noção em qual a gente poderia atuar e qual combina mais com o nosso perfil”.</p> <p>“A gente fica de paraquedas, porque nenhum outro professor sabe da existência do outro, não tem ninguém para orientar, para nos guiar”.</p> <p>“Se a informação tivesse acesso fácil seria tranquilo”.</p> <p>“A minha honesta opinião é que todo mundo está meio perdido sempre...”</p> <p>“Quando você vai pedir informações sobre extensão ou sobre qualquer coisa, a não ser que seja para algum professore sobre a extensão dele, eles não sabem”.</p> <p>“Então assim, as informações são de difícil acesso, as vezes nem o próprio professor sabe, eles não sabem quantas horas que temos que fazer, como preencho os relatórios, o básico eles não explicam para a gente”.</p> <p>“... no site diz que tem X vagas e quando vai se inscrever tem 0 vagas”.</p> <p>“Pelo menos mostra que existe, mostra como é para os alunos, porque se não todos ficam perdidos e ninguém se comunica”.</p> <p>“... porque considero que não tem uma integração tão boa das informações...”</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Dentro da temática a respeito do conhecimento sobre a extensão na Universidade, foi enfatizada pelos discentes a questão do desconhecimento dos processos formais como sendo o principal empecilho para o entendimento de extensão. Os processos de matrícula, de cadastramento, de pesquisa sobre os projetos existentes são desconhecidos pelos alunos. Foi levantado, também, a dificuldade com as plataformas digitais da faculdade, por não estarem atualizadas e não serem intuitivas. A Entrevistada G constatou que “*no site diz que tem X vagas e quando vai se inscrever tem 0 vagas*”.

Um ponto interessante levantado por um dos entrevistados foi que essa dificuldade de acesso à informação sobre a extensão afeta consideravelmente o engajamento e o interesse do aluno pelo tema. Este afirmou “*acho que eles não entendem 1/10 do impacto disso na vida acadêmica dos alunos e se eles entendem, eles não fazem questão de demonstrar*”. Destaca-se, entretanto, que a UFRJ possui uma Pró-reitoria específica de extensão – PR 5 – e esta tem um site abordando diversos assuntos sobre o tema, como editais e instruções. Inclusive, sobre novos projetos de extensão, com suas cargas horárias, temas e atividades.

No Quadro 15, refere-se ao fato de o conhecimento sobre extensão na universidade está relacionado à falta de interesse na extensão.

Quadro 15- Descrição da categoria “Falta de interesse na extensão”

Falta de interesse na extensão	
Definição	O conhecimento é baixo devido à falta de interesse dos docentes e discentes sobre o assunto. A ênfase, às vezes, é em outras atividades da faculdade, como o ensino e a pesquisa.
Verbalizações	<p>“... a preocupação do corpo docente na pesquisa em detrimento de ações nos projetos de extensão”.</p> <p>“... seja devido a uma maior preocupação com a pesquisa e o ensino e acaba deixando a extensão de lado”.</p> <p>“Às vezes é porque tem muita coisa pra fazer, mas às vezes é só “não importo com nada que não seja a minha disciplina””.</p> <p>“Eu vejo que muitas pessoas não têm tempo...”</p> <p>“... porque você tem quatro anos e meio para se formar e a gente só faz projeto de extensão no último período”.</p> <p>“É muito triste escutar da maioria dos professores que esse assunto não é com eles e devemos procurar o coordenador do curso”.</p> <p>“Eu realmente não sei como eles não sabem, talvez seja porque não é do interesse deles”.</p> <p>“Mas infelizmente a aula acaba não ficando como prioridade dessa pessoa e é a mesma coisa para extensão”.</p> <p>“Existem muitos professores que estão lá e não gostam de extensão, que não querem extensão”.</p>

<p>“... talvez a extensão pudesse entrar da mesma forma que monitoria e iniciação científica”.</p> <p>“... mas acho que o ideal seria ser como uma espécie de Iniciação Científica, monitoria, para melhorar o currículo...”</p>
--

Fonte: elaborado pela autora.

Nesse entendimento, acerca do conhecimento de extensão na Universidade, foi englobado tanto os discentes como os docentes. A falta de interesse na extensão universitária possui forte relação com o valor atribuído a ela dentro da Universidade. Essa perspectiva, segundo Fernandes *et al.*, 2012, tem vinculação com a priorização da pesquisa em detrimento da extensão. Uma das entrevistadas afirmou que “infelizmente a aula acaba não ficando como prioridade dessas pessoas e é a mesma coisa para extensão” e continuou sua fala afirmando que “existem muitos professores que estão lá e não gostam de extensão, que não querem extensão”.

A falta de interesse também está presente no universo dos discentes, que muitas vezes, priorizam a sua própria formação ou outras atividades desempenhas na faculdade em desfavor da extensão universitária. Essa falta de interesse está fortemente relacionada com o entendimento e a concepção desses alunos sobre extensão. Um dos entrevistados até afirmou que a extensão deveria “*seria ser como uma espécie de Iniciação Científica, monitoria, para melhorar o currículo*”. Isso denota o não entendimento do que de fato é a extensão universitária e o motivo da sua existência.

Esse interesse superficial nas atividades extensionistas também revelam um individualismo, em relação ao conhecimento desenvolvimento e aprendido dentro da Academia. Através das falas dos entrevistados, que não reconheceram a devida importância da extensão na sua formação como profissional e cidadão, foi evidenciado que, segundo os seus entendimentos, o principal objetivo da extensão era os seus próprios desenvolvimentos e em como aquilo agregaria nos seus currículos. Dessa forma, a extensão serve apenas como mais uma ferramenta para o discente aprender e desenvolver as suas próprias habilidades e o sua própria qualificação.

4.2.Docentes

Assim como os discentes, as categorias dos docentes foram divididas em três grupos: concepção e importância; obrigatoriedade da extensão na graduação e conhecimento sobre extensão na universidade.

4.2.1. Concepção e importância da extensão universitária

No Quadro 16, representam-se as cinco categorias relacionada à concepção e importância da extensão de acordo com a visão dos docentes.

Quadro 16- Categorias da concepção e importância da extensão universitária (docentes)

Concepção e importância da extensão universitária	
I	Diálogo com a sociedade
II	Visão holística da realidade social
III	Prática do conhecimento acadêmico teórico
IV	Necessária para a pesquisa acadêmica

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dessa noção geral, será melhor explicada cada uma das categorias relacionadas à concepção e importância de extensão, juntamente com as falas dos docentes que permitiram essa categorização. No Quadro 17, representa-se a extensão universitária como sendo um diálogo com a sociedade.

Quadro 17- Descrição da categoria “Diálogo com a sociedade”

Diálogo com a sociedade	
Definição	A extensão como um canal de diálogo com a sociedade. Ferramenta que permite com que os docentes e discentes se relacionem com a comunidade e a transformem. A extensão universitária aproxima a universidade da sociedade, de forma que esta recebe o produto gerado pelas IES.

Verbalizações	<p>“É fundamental que a sociedade receba os frutos do nosso trabalho”.</p> <p>“... ela exige uma atividade operacional, uma dedicação do estudante e do professor extensionista na atividade prática, colaborativa e acima de tudo coparticipativa com a sociedade”.</p> <p>“... você se percebe como um agente social capaz de mesmo com pequenas ações colaborar com o progresso da sociedade”.</p> <p>“O nosso conhecimento é conhecimento público e deve ser compartilhado. Somos atores sociais conscientes, com formação pedagógica sólida e nós temos capacitação para colaborar com o nosso trabalho e o bem-estar social”.</p> <p>“A extensão é uma ponte para esses exercícios de cidadania...”</p> <p>“... é o diálogo que se estabelece entre a universidade e a sociedade”.</p> <p>“Ela é essencial para troca e validação de conhecimento...”</p> <p>“... os alunos e o corpo social conseguem levar parte do ensino e pesquisa e compartilhar tudo que você aprende com a comunidade”.</p> <p>“... papel fundamental de promover e propiciar a integração entre a universidade e a sociedade, seja por meio de cursos ou mesmo na prestação de serviços”.</p> <p>“Fazendo com que a comunidade universitária se aproxime da sociedade e a gente consiga extrapolar as fronteiras e muros da universidade...”</p> <p>“É o contato e o retorno que a universidade pública pode oferecer para a sociedade, que financia o ensino superior público de uma estrutura que se pressupõe de excelência...”</p> <p>“É ser uma ponte entre a universidade e a sociedade atuando em situações que requerem a prática da transformação social, ultrapassando os muros da universidade”.</p> <p>“A extensão é uma das formas da extensão justificar a sua existência para a sociedade”.</p> <p>“... promover o desenvolvimento cultural da sociedade, atualizar, mudar paradigmas, olhar para o futuro, organizar”.</p> <p>“... o que seria contribuir para o desenvolvimento social daquela sociedade”.</p> <p>“... a responsabilidade social é retribuir a sociedade, aonde a qual as IES estão instaladas, por tudo que a sociedade permitiu que ali se instalasse”.</p> <p>“Outro axioma que tenho comigo, que a extensão é um dos vieses da responsabilidade social. Não se tem responsabilidade social se não tiver programas ou projetos de extensão. Extensão é uma das ferramentas para desenvolver a responsabilidade social”.</p> <p>“Eu acredito que o principal desenvolvimento aluno quando está em contato com o público externo não é somente pôr em prática o conteúdo oficial das disciplinas e do curso, pra mim um ponto determinante é que ele pode desenvolver ao entrar em contato com pessoas de fora da UFRJ, ele pode desenvolver suas competências, sociais, relacionais ou interpessoais e isso vai ser fundamental no exercício da profissão dele”.</p>
---------------	--

Fonte: elaborado pela autora.

Segundo a visão dos docentes, a principal característica conceitual da extensão universitária é seu forte diálogo com a comunidade. A extensão é uma ferramenta que promove essa integração e faz com que ela ocorra de maneira mais fluida. Nessa concepção, a extensão universitária necessita da sociedade para desempenhar suas atividades e não somente para desempenhá-las, mas também para dar sentido de existência. A sociedade não funciona unicamente como uma receptora do que é desenvolvido nas universidades, mas sim como uma agente essencial para o seu pleno desenvolvimento.

Ademais, dentro dessa concepção há a ideia de transformação. A extensão universitária possui a capacidade de transformar a sociedade por meio de suas atividades realizadas. Essa transformação se relaciona fortemente com o conceito proposto por

Freire (1983), que afirma que a extensão é um diálogo e que ambas as partes interagem e se transformam por meio da comunicação estabelecida. A entrevistada O afirmou que “*ela é essencial para troca e validação do conhecimento*”, com isso percebe-se que a integração e o diálogo são fundamentais para as atividades extensionistas, para que haja, de fato, uma transformação social.

Além das duas vertentes abordadas anteriormente, inserido no conceito de diálogo com a sociedade foi exposta a ideia de que a extensão universitária é primordial para o desempenho da responsabilidade social das universidades e de seus membros e para o exercício de cidadania. A extensão permite com que os indivíduos envolvidos nas suas atividades possam exercer seus papéis como cidadãos e responsáveis também pelo desenvolvimento da sociedade como um todo. Ou seja, os docentes e discentes extensionistas, por meio de suas ações com a comunidade, promovem o bem-estar social.

No Quadro 18, entende-se que a concepção de extensão universitária é desenvolver uma visão holística da realidade social, externa às universidades.

Quadro 18- Descrição da categoria “Visão holística da realidade social”

Visão holística da realidade social	
Definição	A extensão permite que os envolvidos enxerguem a verdadeira realidade da sociedade, suas mazelas e suas carências. Através da extensão os agentes ampliam sua visão para além do universo acadêmico e além do universo vivido por eles.

Verbalizações	<p>“... ela mobiliza nossa formação de mundo, nossa formação intelectual, mas também permite uma conexão profunda entre as esferas”.</p> <p>“Porque me tira como intelectual, professor e pesquisador do âmbito acadêmico, me gera um choque positivo de realidade, porque nós vivemos dentro de uma caixinha”.</p> <p>“Porque a universidade pública não resume a sociedade, não é a essência da sociedade”.</p> <p>“O trabalho prático da extensão, que une nosso conhecimento teórico e o postulado prático desperta um senso crítico mais apurado”.</p> <p>“... a extensão transcende os muros da Academia e permite uma compreensão mais orgânica do nosso tecido social”.</p> <p>“E eu acho que a única chance de fazer isso é ter contato com a realidade brasileira”.</p> <p>“A extensão vai para fora dos muros da universidade, portanto ela coloca a gente em contato com o vulnerável, com o que a gente não lê nos livros ou que a gente lê e se sente distante”.</p> <p>“... porque você ter contato com a vulnerabilidade da população, você ter contato a despeito disso com alegria e produtividade, com a criatividade da população a dar solução para os problemas que o Estado não resolve, que o mercado não resolve, me dá alegria de viver”.</p> <p>“O contato foi muito bom porque você consegue aumentar seu círculo para além da universidade”.</p> <p>“O aprendizado de você verificar diferentes comunidades, por exemplo, estudantes de variados níveis, como empresários e empreendedores também. A gente vê a realidade do outro”.</p> <p>“... eram coisas que estávamos acostumados no nosso dia a dia, que a gente ensina muitas vezes, mas você vê pessoas extremamente leigas e humildes com uma habilidade incrível, porém com dificuldade de compreensão de quais documentos ela deveria providenciar para estar legalizando sua empresa...”</p> <p>“Até diria que a gente aprende muitas vezes até mais que ensina”.</p> <p>“... entender no meu caso formas de organização que vão além daquelas que ministremos nos nossos currículos acadêmicos mais convencionais...” “...é você ter acesso a outros mundos, outras realidades, outras pessoas que você não teria interação dentro da sua bolha”.</p> <p>“Sair da bolha social, cultural, econômica, de nível instrucional e ter contato com outras realidades”.</p> <p>“A extensão representa na prática muito bem a responsabilidade social”.</p>
---------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

Assim como a extensão universitária funciona como uma ponte para o diálogo da universidade com a população, ela também desempenha um papel relevante na ampliação da visão de mundo dos agentes envolvidos. Aqueles alunos e professores que desempenham atividades extensionistas possuem uma visão mais abrangente da realidade em que vivem. Não ficam somente inseridos dentro dos muros das universidades. Segundo o entrevistado K afirmou que a extensão é relevante “*porque me tira como intelectual, professor e pesquisador do âmbito acadêmico, me gera um choque positivo de realidade, porque nós vivemos dentro de uma caixinha*”. Ainda segundo esse entrevistado “*a universidade pública não resume a sociedade, não é a essência da sociedade*”. Através dessas falas, percebe-se que a extensão amplia a noção de mundo por lidar com realidades diferentes das que se vivem dentro das salas de aula. As

universidades não refletem como de fato é a sociedade e suas demandas e, por esse motivo, a extensão é tão relevante. Porque mediante suas atividades, os alunos e professores se deparam com as carências e mazelas da sociedade, as realidades que somente são vistas nos livros. Segundo Nunes e Vieira (2012), a extensão promove uma nova visão de mundo.

A entrevistada O disse “*a extensão vai para fora dos muros da universidade, portanto ela coloca a gente em contato com o vulnerável, com o que a gente não lê nos livros ou que a gente lê e se sente distante*”. Com o envolvimento nas atividades de extensão, os agentes passam a enxergar e lidar com realidades diferentes e isso faz com que seu período na universidade seja melhor aproveitado. Torna os alunos e docentes mais cientes sobre a vida fora dos muros da Academia. A Entrevistada L expôs que em uma de suas experiências com a extensão, ela lidou com microempreendedores de periferias do Rio de Janeiro, que possuíam competências para realizar suas operações, mas não sabiam quanto custava o produto que vendiam, sendo muitas vezes enganados por isso. Esses conhecimentos que teoricamente seriam básicos a qualquer empreendedor ou a qualquer aluno de administração, era o que faltavam a essas pessoas. Por esse motivo, a extensão desempenha sua função relevante de mostrar que o básico para alguns, que estão dentro do universo acadêmico, é a carência de outros.

No Quadro 19, infere-se que a extensão universitária é a prática do conhecimento teórico construído nas universidades.

Quadro 19- Descrição da categoria “Prática do conhecimento teórico”

Prática do conhecimento teórico	
Definição	A extensão universitária funciona como uma oportunidade de aplicação dos conhecimentos desenvolvidos dentro das universidades, o conhecimento teórico. A sociedade é uma receptora do saber científico construído dentro da Academia.
Verbalizações	<p>“... nós ofertamos nosso conhecimento, nossa expertise para transformar a sociedade”.</p> <p>“... nosso trabalho de ensino e pesquisa não pode ser endógeno, uma produção interna”.</p> <p>“... porque essa é a ideia da extensão, a práxis. Não há teoria sem prática e nem prática sem teoria”.</p> <p>“É bom para sociedade, porque a gente produz conhecimento e é muito bom que esse conhecimento circule”.</p> <p>“Ajuda que a gente consiga colocar em prática o que a gente faz no dia a dia com os alunos”.</p>

	<p>“Você poder levar a informação e capacitação para outras pessoas.” “... colaborar e compartilhar o conhecimento e trabalhar com diferentes perspectivas...”</p> <p>“...esse conhecimento não precisa ficar parado na universidade, mas pode sim estar em diálogo com a sociedade, construindo novas possibilidade de aplicação prática”.</p> <p>“...conhecimentos desenvolvidos na nossa prática de pesquisa e que nós também aplicamos no ensino e aplicar em situações como apoio a ONGs”.</p> <p>“Promover a difusão de todo o saber construído numa instituição de ensino superior para a sociedade e também a integração com a sociedade”.</p> <p>“A extensão era associar a teoria à prática”.</p> <p>“... que faça com que o aluno possa colocar em prática o que aprendeu na universidade e principalmente comigo.”</p>
--	--

Fonte: elaborado pela autora.

As atividades de extensão, segundo os docentes, também são fundamentais para a prática dos conhecimentos desenvolvidos dentro das universidades. Segundo o Entrevistado K “*não há teoria sem prática e nem prática sem teoria*”. Portanto, a extensão universitária é necessária para que a prática aconteça, para que o aprendido e ensinado nas salas de aula não fique somente dentro das salas de aula. Para que o aluno e o docente tenham a oportunidade de ver como aquele conhecimento funciona de fato na sociedade, como aquele conhecimento poderia ser melhorado ou melhor desempenhado.

O conhecimento, além disso, não deve ser somente para a Academia e para os alunos utilizarem nas suas vidas profissionais, ele também é para ser colocado à disposição da sociedade. A comunidade também é coparticipante do que é construído nas universidades, logo, convém que aquela também receba os frutos dos seus investimentos. Essa concepção, no entanto, não pode ser interpretada como sendo a única e a principal característica da extensão universitária. Porque a aplicação e a prática do conhecimento acadêmico representam uma das vias da relação estabelecida na extensão. A outra é originária da sociedade, que também é responsável por comunicar e transformar a extensão com os seus conhecimentos e suas demandas. Se a concepção de extensão for somente essa, ela acaba recaindo no conceito de extensão assistencialista, aonde a universidade presta apenas assistência à população, que exerce somente um papel passivo nesse processo de comunicação.

No Quadro 20, representa-se o entendimento de extensão universitária como relacionado com pesquisa acadêmica e o ensino, conjuntamente com a definição e as falas que proporcionaram esse entendimento.

Quadro 20- Descrição da categoria “Relação entre extensão, pesquisa e ensino”

Relação entre extensão, pesquisa e ensino	
Definição	A extensão é relevante para a pesquisa acadêmica, pois permite com que o pesquisador tenha contato com outras realidades. Isso faz com que o pesquisador tenha a oportunidade de conhecer questões que deseje estudar. A extensão universitária se relaciona com a pesquisa e com o ensino, pois são indissociáveis, um complementa o outro.
Verbalizações	<p>“A extensão para o professor que tenha pesquisa, fortalece a base empírica e o levantamento de dados ou ainda uma espécie de energia criadora, que incentiva a renovação e a contínua capacidade de renovação intelectual, acadêmica, profissional e técnica”.</p> <p>“É bom para a universidade, porque a gente tem a chance de compartilhar os conhecimentos e até de testá-los em diversos momentos, de ter mais contato com a realidade”.</p> <p>“Ver a realidade que você estuda é outra história. Então eu acho que o fato de eu trabalhar na extensão, faz eu estar mais próxima a realidade que eu estudo...”</p> <p>“Realmente a extensão é fundamental nessa área de magistério, é uma coisa que complementa muito nossa base de ensino e pesquisa”.</p> <p>“Acho que talvez que devemos chamar a atenção do pessoal que acha que por ser pesquisador não precisa fazer extensão, que muitas vezes dessa atividade de extensão aparecem insights, campos para pesquisas muito ricas e interessantes”.</p> <p>“Seria uma outra forma de demonstrar que pesquisa, extensão e ensino se retroalimentam. Você pode desenvolver casos de estudo para tua sala de aula, pode ser um campo de pesquisa que você publique sobre isso, que colabore para a construção de uma teoria”.</p> <p>“Fora isso tenho vários outros textos escritos sobre o festival em revistas e em artigos, tenho mais ou menos uns 4 ou 5 trabalhos publicados sobre o festival”.</p> <p>Observação: O entrevistado ao mencionar o festival, está se referindo ao 1º Festival de Improviso Universitário.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

A extensão universitária representa um dos três pilares fundamentais e constitucionais da formação pública brasileira. O ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis e através dessa concepção pode-se evidenciar essa realidade. Segundo a visão de alguns professores, que desenvolveram extensão, esta é agregadora para a pesquisa acadêmica. Por meio da extensão, a pesquisa fica mais rica, abre um leque de possibilidades de pesquisa, ademais *“fortalece a base empírica e o levantamento de dados”*, como ponderou o Entrevistado K.

Além de ser fundamental para o desenvolvimento e a construção de novas pesquisas acadêmicas, a extensão também permite uma aproximação entre o objeto de pesquisa e o pesquisador. Contribui para os estudos científicos por conseguirem analisar as questões e os problemas de pesquisa de perto. De acordo com a Entrevistada O, *“ver a realidade que você estuda é outra história. Então eu acho que o fato de eu trabalhar na extensão, faz eu estar mais próxima a realidade que estudo”*. O contato com a extensão

proporciona um contato mais profundo com as temáticas analisadas e isso, conseqüentemente, influencia os resultados obtidos.

Foi destacado, também, sobre a possibilidade de as atividades de extensão complementarem a base de ensino e pesquisa dos docentes. Ela não somente auxilia na pesquisa acadêmica, mas também permite com que os docentes tenham a oportunidade de lidarem com os conteúdos expostos dentro das salas de aula. Mais uma vez, infere-se a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. No entanto, alguns docentes evidenciaram que dentro do próprio corpo docente da universidade, existem professores que não enxergam a extensão dessa forma. O entendimento, portanto, a respeito da extensão ser necessária para a pesquisa acadêmica não representa uma realidade vivenciada por todo corpo docente da universidade. Ainda há uma desvalorização da extensão universitária em detrimento da pesquisa e do ensino teórico.

4.2.2. Obrigatoriedade da extensão na graduação

No Quadro 21, representam-se as três categorias relacionadas à obrigatoriedade de extensão na graduação, segundo o entendimento dos docentes. A seguir, cada uma das categorias será descrita, com suas definições e as verbalizações dos entrevistados.

Quadro 21- Categorias da obrigatoriedade da extensão na graduação (docentes)

Obrigatoriedade da extensão na graduação	
I	Reafirmação do tripé institucional
II	Ressignificação da experiência acadêmica
III	Impactos negativos nas atividades de extensão

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 22, representa-se que a obrigatoriedade funciona como uma ferramenta para a reafirmação da relação entre ensino, pesquisa e extensão como base das Universidades.

Quadro 22- Descrição da categoria “Reafirmação dos pilares institucionais”

Reafirmação dos pilares institucionais	
Definição	A Universidade é formada pelos três pilares: ensino, pesquisa e extensão. A obrigatoriedade faz com que se reafirme a importância da extensão como peça fundamental na formação acadêmica do discente. É um compromisso institucional que tanto os alunos quanto os docentes devem honrar.

Verbalizações	<p>“Esse tripé não pode ser dissolvido, ensino, pesquisa e extensão”.</p> <p>“A própria extensão fortalece essa ideia de que o aluno tem que dedicar a sua vaga, a sua atividade a tudo aquilo que exige dentro do compromisso institucional”.</p> <p>“Eu acho que é uma obrigação do aluno de universidade pública, uma obrigação da universidade”.</p> <p>“Em um país aonde menos de 10% tem acesso à universidade, eu acho que é uma obrigação da universidade mostrar a realidade do país para os estudantes. Se isso acontecesse já a uns 30 anos, talvez não estivéssemos na situação que estamos hoje, negacionismo, negação da pobreza, negação da fome e talvez a gente tivesse fome”.</p> <p>“... como parte desse privilégio que a gente tem, o mínimo que a gente tem que fazer é devolver alguma coisa para a sociedade”.</p> <p>“Aqui no Brasil a gente tem uma cultura de entender a universidade como algo muito afastado da sociedade”.</p> <p>“... a extensão também é parte da sua formação”.</p> <p>“Qualquer atividade que faça com que a comunidade acadêmica como um todo, desde os docentes até funcionários e servidores, compreenda que a extensão não é um apêndice da formação, mas é parte fundamental da formação”.</p>
---------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

A obrigatoriedade da extensão, segundo a opinião de alguns docentes, é fundamental pois exerce uma função de reafirmação da relevância da extensão dentro dos pilares institucionais. A extensão universitária, ao se comparar com o ensino e pesquisa, que são temas mais consolidados dentro das universidades, é desconsiderada por alguns agentes dentro das IES. Por esse motivo, a obrigatoriedade é crucial para que a extensão possa ser vista e exerça seu papel basilar na formação acadêmica dos alunos e docentes.

Existe, também, um dever constitucional a ser cumprido pelas universidades públicas brasileiras. A Constituição Federal de 1988, atual constituição brasileira, afirma em seu art. 207 que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). Dessa forma, as universidades, tornando obrigatória a extensão, atuam como responsáveis pelo cumprimento do dever constitucional. Reafirmando a necessidade da existência da indissociabilidade na formação acadêmica de seus estudantes.

A extensão universitária representa, segundo os docentes, um dever que tanto os alunos, como os docentes possuem diante da sociedade, pois ela é responsável pelo seu financiamento, através das receitas derivadas dos tributos. A extensão é uma maneira de retribuição das universidades e das pessoas que lá estão inseridas para a comunidade. A Entrevistada Q relatou “*a gente vive em um país de extrema desigualdade e que uma pequena parcela tem a oportunidade de cursar um ensino de excelência... o mínimo que*

a gente tem que fazer é devolver alguma coisa para a sociedade”. Esse aspecto retrata um dever cívico dos membros das universidades para com a comunidade.

No Quadro 23, de acordo com os docentes, infere-se que a obrigatoriedade proporciona uma ressignificação da experiência discente.

Quadro 23- Descrição da categoria “Ressignificação da experiência discente”

Ressignificação da experiência discente	
Definição	A extensão é extremamente necessária, pois ressignifica a experiência do discente dentro da universidade. Faz com que este vivencie situações novas, além de compreender melhor o que representa uma universidade e por esses motivos é essencial que seja obrigatória. A extensão universitária é necessária para o desenvolvimento do discente.
Verbalizações	<p>“... todos os alunos que fazem extensão conseguem ressignificar a sua experiência acadêmica”.</p> <p>“... mesmo que possuam uma visão mercadológica, fortalece esse lado cidadão, ao mesmo tempo acrescenta uma energia criadora para formação acadêmica e ao mesmo tempo também quem sabe pode ajudar na própria ressignificação do estágio, da forma remunerada”.</p> <p>“... ela é positiva porque o aluno precisa ter essa consciência de que a sociedade é a essência da sua vida acadêmica”.</p> <p>“... para que o aluno consiga ter essa experiência e gostar dessa experiência”.</p> <p>“Essa obrigatoriedade e necessidade faz com que o aluno não deixe de vivenciar essa experiência na graduação em si”.</p> <p>“... vai participar por fazer o bem a comunidade ou mesmo a sociedade ou até mesmo pelo próprio currículo”.</p> <p>“... pra mim o ponto crucial da extensão universitária é o desenvolvimento do aluno”.</p> <p>“Pra mim esse contato não é uma finalidade, mas sim um meio para desenvolvimento do aluno e ele se desenvolve brutalmente no meio desse contato com público externo, por meio de ter a obrigação de oferecer para o público externo aquilo que ele está aprendendo, aquele conhecimento que está desenvolvendo dentro da universidade”.</p> <p>“... que a experiência da extensão é fundamental para os alunos, acho que proporciona vivências que os alunos não conseguem ter nem no estágio, nem no ensino formal e a extensão traz essa experiência”.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

As pessoas que desenvolveram atividades extensionistas, tanto os docentes como os discentes, afirmam que aquela experiência possuiu um impacto positivo em suas vidas. Dessa forma, a obrigatoriedade é responsável por fazer com que todos os discentes tenham a oportunidade de viverem essa experiência. A extensão universitária, segundo o Entrevistado M, é fundamental pois *“proporciona vivências que os alunos não conseguem ter nem no estágio, nem no ensino formal e a extensão traz essa experiência”*.

Ainda segundo um dos entrevistados, *“todos os alunos que fazem extensão conseguem ressignificar sua experiência acadêmica”*, *“mesmo que possuam uma visão*

mercadológica, fortalece esse lado cidadão”. Portanto, a extensão se faz necessária para que a formação do discente seja completa, não se limitando a apenas os conhecimentos desenvolvidos em aula. Nem todos os discentes, entretanto, possuem essa iniciativa por conta própria, por isso, a compulsoriedade se faz necessária, segundo os docentes.

Para os professores, o aluno precisa passar e realizar tais atividades para que atinja seu melhor resultado. Segundo o Entrevistado M, *“o ponto crucial da extensão universitária é o desenvolvimento do aluno. Eu preciso de alguma maneira criar um processo de extensão que faça com que o aluno possa colocar em prática o que aprendeu na universidade e principalmente comigo*”. Ainda segundo esse entrevistado, *“esse contato com o público externo não é uma finalidade, mas sim um meio para o desenvolvimento do aluno*”.

Outra abordagem levantada pelos docentes e que se relaciona com a concepção de extensão como visão holística da realidade social, é que os discentes que realizam atividades extensionistas possuem uma visão maior da sociedade em que vive. Segundo a Entrevistada N, *“ela é positiva porque o aluno precisa ter essa consciência de que a sociedade é a essência da sua vida acadêmica*”. Assim, a extensão universitária faz com que o aluno, mesmo fazendo pela obrigatoriedade, tenha contato com essa realidade e acima de tudo, com a população externa à universidade, sendo agregadora.

No Quadro 24, apresenta-se que a obrigatoriedade gera, de acordo com os docentes, impactos negativos nas atividades extensionistas.

Quadro 24- Descrição da categoria “Impactos negativos nas atividades de extensão”

Impactos negativos nas atividades de extensão	
Definição	A extensão por ser obrigatória dá margem para que os resultados globais da extensão não sejam os melhores, pois poderão ter alunos extensionistas desinteressados e sem um verdadeiro compromisso com os projetos e ações de extensão.
Verbalizações	<p>“... porque os alunos decidem fazer a extensão porque é obrigatório e não tem o compromisso 100% naquele projeto”.</p> <p>“... o fato de ser obrigatório não deixa eles à vontade e eu acho que pode atrapalhar sim”.</p> <p>“... acho que nada obrigatório a gente consegue ter boa vontade”.</p> <p>“Não porque elas querem participar de uma atividade extensionista, mas porque são obrigadas a participar. Acho que o impacto é no volume, mas não sei se vamos ter pessoas interessadas e interessantes nesse processo.”</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Assim como a obrigatoriedade possui pontos positivos para o desenvolvimento do discente e para a reafirmação dos pilares institucionais, também apresenta pontos negativos. Categoria também abordada pelos discentes, a obrigatoriedade traz consigo o dever de participar e de se envolver com extensão. Entretanto, o engajamento pode não apresentar um envolvimento verdadeiro nas atividades extensionistas. Nesse ponto de vista, alguns alunos desempenhariam suas ocupações apenas para cumprir com os requisitos para sua formação acadêmica. Não realizando as atividades com o maior comprometimento e responsabilidade. A Entrevistada S destacou: *“não sei se vamos ter pessoas interessadas e interessantes nesse processo”*.

Ainda segundo esse pensamento, a quantidade, que adviria da obrigatoriedade da extensão na graduação, não compensaria a falta de compromisso e o desengajamento dos discentes. Destaca-se que esse impacto negativo não engloba todos os discentes, apenas os desinteressados nos projetos, conforme foi evidenciado pelos docentes. De acordo com a Entrevistada S, *“nada obrigatório a gente consegue fazer de boa vontade”*. Infere-se, no entanto, que esse ponto de vista a respeito dos pontos negativos da obrigatoriedade foi levantado por poucos professores. Sendo a maioria a favor da obrigatoriedade por acreditarem ser fundamental para a formação do aluno. Segundo o Entrevistado K, *“todos os alunos que fazem extensão conseguem ressignificar a sua experiência acadêmica”*. Portanto, o discente desenvolvendo atividades de extensão por livre e espontânea vontade ou não, causará um impacto na sua formação acadêmica. Evidencia-se, também, que todos os discentes entrevistados, que realizaram projetos de extensão concordaram que tais atividades os desenvolveram como pessoas e alunos.

4.2.3. Conhecimento sobre extensão na Universidade

No Quadro 25, representam-se as duas categorias a respeito do conhecimento sobre extensão na Universidade. Após isso, serão desenvolvidas cada uma delas, com suas devidas definições e citações dos docentes entrevistados.

Quadro 25- Categorias do conhecimento sobre extensão na Universidade (docentes)

Conhecimento sobre extensão na Universidade	
I	Desvalorização da extensão em relação ao ensino e a pesquisa
II	Burocracia como fator impeditivo

Fonte: elaborado pela autora.

No Quadro 26, entende-se que a conhecimento sobre extensão está vinculado a desvalorização da 3º base dos pilares institucionais, que é a extensão universitária.

Quadro 26- Descrição da categoria “Desvalorização da extensão em relação ao ensino e a pesquisa”

Desvalorização da extensão em relação ao ensino e a pesquisa	
Definição	A extensão, dos três pilares, é a mais desvalorizado na formação acadêmica e por isso que o conhecimento sobre ela é menor comparativamente com o ensino e a pesquisa.
Verbalizações	<p>“... até porque a extensão era talvez o tripé menos valorizado e menos enfatizado na nossa formação”.</p> <p>“Muitos professores, em geral, dão ênfase a parte do ensino ou a pesquisa”.</p> <p>“Alunos preocupados apenas com o ensino, a formação acadêmica, visando a locação mercadológica”.</p> <p>“Tanto quanto o ensino e a pesquisa, que são mais reconhecidos. É um desafio que vem nos últimos 30 anos, como fazer com que a extensão seja vista como uma prática prioritária na universidade pública”.</p> <p>“Nesse arcabouço de estruturas, a extensão ainda não encontrou um lugar prioritário e acho que merece esse lugar”.</p> <p>“Uma coisa que eu acho importante é comparar os recursos que são direcionados para extensão para entender mais se esse desengajamento, que eu percebo, muito pouca gente do corpo docente fala sobre extensão. Acho que tem a ver com os recursos que são direcionados para essa área, quando comparados com a pesquisa, o ensino.”</p> <p>“Eu entendo que dentro das universidades federais está muito claro a questão do ensino e da pesquisa, mas a extensão essa a gente vai ter gente que vai de 0 a 10, vai ter gente que vai ter 10 de conhecimento e gente que vai ter 0 de conhecimento sobre isso, o que não acontece com as outras atividades de ensino e pesquisa e gestão, que todo mundo tem o mesmo grau de conhecimento alto, porque são todos envolvidos com essa questão e cobrados por ela”.</p> <p>“Eu acho que todo mundo tem ciência, conhecimento sobre o que fazer, suas obrigações em relação a ensino, pesquisa e gestão, mas tem gente que não sabe absolutamente nada sobre as atividades de extensão e tem gente que é altamente conhecedora sobre extensão”.</p> <p>“...para que a extensão deixe de ser esse lugar “menor”, que acho que as pessoas dentro da comunidade universitária veem a extensão como atividade menor, através de alguns depoimentos que as pessoas fazem que leva a ter essa impressão”.</p> <p>“Tive muito pouco apoio institucional, por parte da UFRJ. A gente não tinha recurso, a gente tinha que achar tudo. Meu casamento quase acabou...”</p> <p>“A instituição tem que criar condições para que isso aconteça, para que a extensão não seja apenas um apêndice da formação, não seja só o que a pessoa faz só nas horas vagas, quando dá tempo ou nas horas vagas”.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Inserida nessa categoria de conhecimento sobre extensão na Universidade, tem-se a desvalorização da extensão perante às demais bases institucionais. O conhecimento acerca da extensão universitária ainda é limitado pelo fato de não ser atribuída a mesma importância ao se comparar com o ensino e a pesquisa. Segundo a Entrevistada S, *“eu entendo que dentro das universidades federais está muito claro a questão do ensino e da pesquisa, mas a extensão essa a gente vai ter gente que vai de zero a dez, vai ter gente que vai ter dez de conhecimento e gente que vai ter zero de conhecimento sobre isso”*.

Existem professores que entendem muito sobre a extensão e existem professores que desconhecem totalmente o assunto. Isso revela que a extensão ainda não é vista, pela totalidade do corpo docente, como indissociável do ensino e da pesquisa.

A desvalorização da extensão pode ser derivada, também, da inserção tardia da mesma nas universidades. Essa foi a última a ser inserida, quando o ensino e a pesquisa já estavam consolidados dentro das IES. O Entrevistado O ponderou: *“nesse arcabouço de estruturas, a extensão ainda não encontrou um lugar prioritário”*. Infere-se que, assim como Carbonari e Pereira (2007) evidenciaram, a extensão surgiu por meio da obrigatoriedade e não da necessidade que as universidades tiveram de se desenvolverem e avançarem nas suas formações acadêmicas. Dessa forma, a extensão tenta se encaixar no padrão e na estrutura que já existiam antes de sua inserção nas instituições.

O conhecimento sobre extensão, entretanto, conforme foi proposto por alguns docentes e discentes, tem se expandido com o decorrer dos anos. Segundo a Entrevistada O, *“quando a universidade torna isso obrigatório, ela está disseminando”*. Assim, além dos pontos evidenciados no tópico anterior sobre a obrigatoriedade, essa impulsiona o conhecimento acerca das ações e projetos de extensão dentro da Universidade. Sendo uma questão de tempo até que se tenha um conhecimento mais unânime nas instituições de ensino superior.

No Quadro 27, representa-se que o conhecimento sobre extensão na universidade é afetado pela burocracia, sendo essa um fator impeditivo.

Quadro 27- Descrição da categoria “Burocracia como fator impeditivo”

Burocracia como fator impeditivo	
Definição	O conhecimento a respeito da extensão é limitado, pois há muita burocracia para o desenvolvimento e criação de projetos de extensão na universidade. Mesmo sendo do interesse do docente desenvolver extensão, este se depara com a burocracia institucional, que acaba desestimulando sua atividade e, conseqüentemente, impactando no conhecimento global de extensão.

Verbalizações	<p>“A extensão em alguns momentos chega a ser meio nebulosa, no sentido de ser muito burocrática e do que que tem que ser feito, ou mesmo, quais os processos ou quais os trâmites e a burocracia são bem grandes”.</p> <p>“No caso do corpo docente, sabe-se que tem que fazer, se tem muitas ideias, mas muitas vezes esbarra na ideia do como fazer, de quem buscar pra fazer isso, um excesso muitas vezes de burocracia que acaba impedindo a realização de alguns projetos”.</p> <p>“Uma dificuldade que enfrentamos é a burocracia e isso feliz ou infelizmente é só um problema na UFRJ”.</p> <p>“Eu preciso ter esse auxílio da UFRJ, que não fosse em processo burocráticos que eu precisasse preencher 30 formulários e que demorasse 6 meses para acontecer, porque o evento já teria passado”.</p> <p>“Simplesmente porque eles são vistos como um pé no saco, como uma burocracia ou como um problema a ser resolvido. Isso dificulta a seleção dos alunos, dificulta o desenvolvimento das atividades de extensão, a avaliação, a cobrança dos professores para que os alunos se engajem no programa, dificulta todo o andamento da extensão”.</p>
---------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

Por último, o conhecimento a respeito da extensão nas universidades é limitado pela burocracia existente nos processos de desenvolvimento e criação de projetos de extensão. Os docentes levantaram a questão de a burocracia atrapalhar o pleno crescimento da extensão, pois os procedimentos administrativos são morosos e de difícil entendimento. O Entrevistado M expôs: *“eu preciso ter esse auxílio da UFRJ, que não fosse em processos burocráticos, que eu precisasse preencher 30 formulários e que demorasse seis meses para acontecer”*.

Também foi destacado pela Entrevistada L que *“uma dificuldade que enfrentamos é a burocracia e isso feliz ou infelizmente não é só um problema da UFRJ”*. Isso revela uma realidade não apenas presente nas instituições de ensino superior brasileiras, mas em todo corpo da administração pública brasileira. Desde a década de 30, em que aconteceu a reforma burocrática conduzida pelo presidente da época Getúlio Vargas, essas características permanecem no corpo administrativo público. A burocracia em si não representa um fator impeditivo para o pleno desenvolvimento da extensão, mas sim o engessamento das estruturas administrativas. Os processos, dessa forma, que poderiam ser simplificados e até minimizados, retardam o andamento das atividades extensionistas.

Ainda não há a obrigatoriedade em todos os cursos de que os docentes realizem extensão, e conjuntamente com a dificuldade de realizar programas e ações de extensão, os professores tendem a optar por não realizarem essas atividades. Os docentes que realmente desenvolvem projetos e/ou ações se deparam com grandes dificuldades de operacionalização e de apoio das instituições. Segundo o Entrevistado M, *“isso tomou minha vida 100% ao ponto de eu ter explodido em casa, brigar com a minha esposa, eu*

sair de casa e me isolar por uma semana”. Percebe-se, portanto, que os docentes que realizam as atividades de extensão precisam se interessar extremamente pela temática dos projetos ou se doarem consideravelmente para que esses aconteçam. Essas características não estão presentes em todos os docentes e por isso a extensão não é desenvolvida em sua plenitude na universidade.

4.3. Síntese dos resultados

Nesse tópico serão apresentados os principais resultados destacando as visões dos discentes e docentes a respeito da extensão universitária. Apesar de ambos os sujeitos desempenharem diferentes papéis e responsabilidades quando desenvolvem extensão, existem similaridades nos pontos de vista. Em seguida, são descritas divergências de percepção do conceito da extensão e da sua importância entre alunos e docentes entrevistados. Também serão expostas algumas sugestões propostas por alunos e professores para que se aumente a disseminação do que é extensão e a importância da participação desses agentes nela.

A extensão universitária, segundo docentes e discentes, é essencial para se estabelecer um diálogo com a sociedade, também sendo um auxílio e troca com a comunidade. Essa concepção está fortemente relacionada com a visão não-assistencialista da extensão, da extensão como comunicação e via de mão dupla com a sociedade, conforme foi proposta por Freire (1983). Ela não enxerga a comunidade somente como receptora dos saberes desenvolvidos nas universidades, mas também como corresponsável para o desenvolvimento e evolução da comunicação estabelecida. Os discentes e docentes são capazes de enxergar a relevância da comunidade para a construção de uma extensão universitária verdadeira. Além do exposto, os dois agentes compreenderam que por meio dela, se pode construir uma visão mais holística e autêntica sobre a realidade social vivida, também sendo responsável pela criação de empatia entre as pessoas que realizaram extensão.

Para os discentes, a extensão universitária também representa mais uma ferramenta das instituições de ensino capacitarem seus alunos e melhorar suas formações acadêmicas. As atividades de extensão, na percepção dos alunos, propiciam seu desenvolvimento, ampliando seu leque de conhecimentos, além de outras competências que serão utilizadas em suas vidas profissionais. No entanto, ao enxergar a extensão somente por esse viés representa uma conceituação limítrofe sobre ela, pois mesmo

auxiliando o aluno a crescer, ela tem como objetivo principal atingir e melhorar a comunidade externa à universidade. Cumprindo com a responsabilidade que as IES têm diante da sociedade.

A ideia de “prática do conhecimento” está presente tanto para os docentes, quanto para os alunos. Para os professores, se relaciona com a prática do conhecimento teórico que já possuem e para os discentes, com a prática do que é aprendido nas salas de aula com os professores. Dessa forma, percebe-se que a extensão universitária é fundamental ao trazer o aspecto prático para dentro da Academia. Isso é relevante, pois conforme foi destacado pelos entrevistados, o conhecimento foi desenvolvido mais profundamente quando se incluiu a prática do mesmo. Ademais, o conhecimento pode ser ampliado e aprimorado ao trazê-lo para a realidade social. Os professores, ainda por esse quesito de práxis, são capazes de utilizarem essas informações em suas pesquisas acadêmicas.

A respeito da obrigatoriedade da extensão na graduação, representou um tema controverso entre os discentes e docentes, existindo certa polaridade de opiniões. O grupo de discentes e docentes que achava que a extensão universitária deveria ser obrigatória fundamentou seus argumentos na responsabilidade social que a universidade tem com a sociedade, na importância para a formação do aluno e de seu crescimento como cidadão, além de ser uma oportunidade para a descoberta de novas áreas de interesse. Em contraponto, os docentes e discentes não favoráveis à obrigatoriedade argumentaram que tornar algo obrigatório não necessariamente faria com que os alunos se engajassem ou que vivenciassem uma experiência positiva na extensão. Destaca-se, entretanto, que os alunos contrários à obrigatoriedade não consideravam a extensão tão relevante na sua formação acadêmica. Destacaram que o ensino e, muitas vezes, o estágio tomavam tempo suficiente de suas vidas para ainda terem a obrigatoriedade de cumprirem muitas horas de extensão.

A respeito do conhecimento sobre extensão na Universidade, os professores e alunos levantaram as questões da desvalorização da extensão em relação ao ensino e a pesquisa e o desconhecimento dos processos e informações sobre extensão, respectivamente. As duas questões possuem relação, pois ao se considerar algo menos relevante na formação acadêmica, esse será menos compartilhado e estimulado nas universidades. A extensão por não ser a base mais valorizada é desconhecida por muitos, inclusive sobre seus processos e trâmites administrativos. Conjuntamente a essa questão acerca do conhecimento sobre extensão, tem-se a falta de interesse, que também se

relaciona com a desvalorização, como foi apontada pelos docentes. Percebe-se, portanto, que a falta de conhecimento e engajamento com a extensão dentro da Universidade possui forte vinculação com a desconsideração da extensão como pilar essencial para a formação acadêmica do discente e para o crescimento das universidades.

A burocracia foi considerada diretamente pelos docentes como um empecilho para um melhor desenvolvimento da extensão. Também foi considerada, de maneira indireta, pelos discentes ao afirmarem encontrar dificuldades com o funcionamento dos processos de inscrição, contagem de horas e disponibilidades de extensões na Universidade. Apesar de a burocracia exercer uma função importante para o funcionamento das universidades e a manutenção da impessoalidade e da legalidade, seu excesso interfere no avanço da extensão, tornando os processos dificultosos e não transparentes. Inclusive, a principal sugestão de melhoria para a ampliação da disseminação da extensão e a importância da participação foi tornar os processos e as informações mais acessíveis e detalhados.

Segundo discentes e docentes, algumas ações poderiam ser realizadas pela Universidade para que haja um maior engajamento na extensão e para que essa seja melhor compreendida. Dentre as propostas dos discentes, inclui-se uma maior divulgação dos projetos e ações de extensão, com descrições claras de suas atividades, quantidade de horas demandadas, professor responsável e como o aluno faz para se envolver em tal projeto. A principal reclamação dos discentes em relação à extensão é a dificuldade de descobrir as extensões que existem e em como podem fazer para se inscreverem. Através dessa iniciativa, o processo de inscrição e de conhecimento será facilitado e o aluno será mais estimulado a participar. Alguns dos discentes até afirmaram que se essas informações já fossem consolidadas e de fácil acesso, não haveria a necessidade da obrigatoriedade. Outro ponto, ainda relacionado, que foi sugerido, foi a ampliação da divulgação para os calouros da importância do envolvimento na extensão, além dela ser apresentada nas semanas de integração de cada curso, com apresentações de projetos já existentes daquele departamento e suas principais ações. Dessa forma, haveria uma aproximação do aluno com a extensão, por esse ter a oportunidade de ver os resultados de perto e não somente sendo algo abstrato.

Para a maioria dos docentes, a Universidade já desempenha bem seu papel de disseminação da extensão. No entanto, foram levantadas algumas questões relevantes, que deveriam ser levadas em consideração. Assim como o ensino e a pesquisa, a extensão é fundamental para a formação completa do discente. Por isso, ela deve ser valorizada

como tal e com esse objetivo foi sugerido uma diminuição na carga de disciplinas dos alunos no semestre em que desenvolverão extensão. Dessa maneira, conforme foi proposto pelo Entrevistado M, *“deveria existir algo como se o aluno que estiver fazendo extensão, as outras disciplinas são bloqueadas e a pessoa tem que dedicar algumas horas à extensão. Digamos que a pessoa pode se inscrever em até oito matérias por semestre, no semestre em que ela fizer extensão, ela não poderá fazer oito matérias, poderá apenas quatro, porque o aluno não pode dar a desculpa de que está estudando demais, a universidade está me puxando, mas a extensão também é universidade”*. Essa sugestão tem como objetivo valorizar a extensão como parte indissociável da formação acadêmica. Não há ensino e pesquisa sem extensão.

A seguir, no Quadro 28, será apresentado um comparativo baseado nas categorias que retratam a conceituação e a importância dada pelos discentes e docentes sobre extensão universitária extraídas das entrevistas com os diferentes grupos.

Quadro 28- Comparativo entre as opiniões dos discentes e docentes

Comparativo entre as opiniões dos discentes e docentes		
Categorias comuns	Categorias específicas dos discentes	Categorias específicas dos docentes
<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo, auxílio e troca com a comunidade; • Ampliação da visão de mundo e construção de empatia; • Aplicação e prática do conhecimento acadêmico teórico; • Desconhecimento dos processos, desvalorização da extensão em relação ao ensino e pesquisa e falta de interesse. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de conhecimentos complementares ao ensino; • Identificação de novas áreas de interesse; • Preparação e desenvolvimento para o mercado de trabalho; • Retribuição da Universidade pelo ensino público; • Consequências negativas na atuação nos projetos de extensão; • Participação compulsória em extensões fora do interesse do aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre extensão, pesquisa e ensino; • Reafirmação dos pilares institucionais; • Ressignificação da experiência acadêmica; • Impactos negativos nas atividades de extensão; • Burocracia como fator impeditivo.

Fonte: elaborado pela autora.

A respeito das categorias específicas, os discentes enfatizaram a experiência com a extensão como sendo uma oportunidade de desenvolver novos conhecimentos e descobrir novas áreas de interesse. A extensão representa uma possibilidade do aluno se

autoconhecer e ampliar seu leque de conhecimentos. Os docentes, por meio dos resultados obtidos, não enxergam a extensão da mesma maneira. O foco dado por eles se relaciona com a prática do conhecimento já pré-existente e a relação com o ensino e a pesquisa científica.

A preparação para o mercado de trabalho, também levantada pelos discentes, representa um dos entendimentos de extensão. Sendo essa responsável pelo desenvolvimento de competências e habilidades que serão utilizadas no mercado de trabalho. Tal conceituação não foi abordada pelos docentes, não sendo por eles vista com essa finalidade.

Para os discentes, a obrigatoriedade da extensão na graduação representa o envolvimento, em alguns casos, em extensões fora do interesse do aluno, refletindo em uma experiência não tão agregadora na sua formação acadêmica. A maior parte dos docentes revelou que a extensão universitária é relevante para o discente, tanto para o desenvolvimento, quanto para a ressignificação da experiência acadêmica. A outra parte minoritária apenas ponderou que a falta de interesse e compromisso dos discentes com a extensão podem acabar impactando negativamente os projetos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentou as diferentes concepções de extensão universitária, segundo a visão de docentes e discentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos respondem a pergunta principal de pesquisa, que é a compreensão de extensão e sua importância para alunos e docentes. Através dos diferenciados pontos de vista pode-se compreender melhor o que a extensão de fato representa para esses agentes. Algumas dessas concepções se distanciam do que é proposto pela literatura e pela legislação, já outras concepções se aproximam. A compreensão de extensão universitária, embora ainda não sólida, contempla em sua essência o principal entendimento do objetivo da extensão, que é atingir e se relacionar com a comunidade externa à universidade.

O impacto da extensão universitária na vida de seus agentes, de acordo com os entrevistados, foi positivo, desenvolvendo competências, ampliando o conhecimento, tornando os indivíduos mais atentos ao outro e ressignificando suas experiências acadêmicas. Através dessas vivências, os indivíduos puderam compreender melhor o que de fato representa a extensão universitária e a relevância que essa possui para a formação acadêmica.

Além disso, foi também destacado que, apesar de ser um processo que está evoluindo, a extensão ainda é desvalorizada dentro da Academia. Para alguns agentes, ela ainda representa um apêndice da formação acadêmica e não como parte integrante e essencial para a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão. Até então a extensão não está plena e uniformemente consolidada dentro das instituições de ensino superior. Entretanto, conforme ela tem ganhado espaço nas universidades, principalmente por meio da obrigatoriedade, é vislumbrado, em um futuro próximo, que a extensão exercerá sua função transformadora e relevante na formação dos discentes.

Ainda há margem para que a extensão universitária possa ser aprimorada e expandida dentro das IES. Por meio de atividades simples de conscientização e compartilhamento de informações. Com uma participação ativa das universidades públicas no engajamento da extensão, essa será melhor compreendida e vivenciada na íntegra pelos discentes e docentes.

O atual estudo possui certas limitações. Dentre elas, a representatividade dos entrevistados, por englobar apenas uma universidade pública – a UFRJ – e incluir apenas docentes da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Assim, na concepção dos

docentes, foi analisado somente um curso. Os discentes, entretanto, foram de diversos cursos da UFRJ, permitindo um entendimento mais amplo.

A sugestão para estudos futuros é que incluam a percepção e o entendimento de extensão da comunidade externa à Universidade. A sociedade representa um agente fundamental para que a extensão universitária possa ser desenvolvida com êxito. Portanto, a compreensão de como esses enxergam a extensão é relevante, inclusive, para o aprimoramento das atividades extensionistas realizadas pelas universidades.

Conclui-se que a extensão universitária é, portanto, compreendida de diversas maneiras e representa uma oportunidade de desenvolvimento e crescimento para todos os envolvidos. Ela é fundamental também para o progresso da universidade e da sociedade e pelo cumprimento do dever constitucional. Deve ser mais valorizada nas universidades para que possa produzir seus frutos de excelência.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2006, cap.3, p.95-150.
- BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. **Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário**. Brasília, DF, 1931.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. Decreto nº6.495, de 30 de junho de 2008. Institui o Programa de Extensão Universitária- PROEXT. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação- PNE**. Lei nº13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação- PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014.
- BRASIL. Resolução nº7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005, que aprova o Plano Nacional de Educação- PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federal do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BUFFA, E. CANALES, P. R. Extensão: meio de comunicação entre universidade e comunidade. **EccoS**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 157-169, jan./jun. 2007
- CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, Itatiba, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.
- MEYER JÚNIOR, V.; LOPES, M. C. B. Administrando o imensurável: uma crítica às organizações acadêmicas. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.40-51, jan/mar 2015.
- MORGAN, S. J.; SYMON, G. Electronic interviews in organizational research. *In*: CASSEL, C.; SYMON, G. *Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research*. Great Britain: Sage Publications, 2004, cap.3, p.23-33.
- CHAVES, C. J. A.; OLIVEIRA, E. P.; ROMAGNANI, P.; ERBANO. C. P. Projetos de extensão universitária: um compromisso da universidade com a inclusão social. **Holos**, v.2, 2019.
- COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Em Extensão**, Uberlândia, v.13, n.2, p.11-24, jul/dez 2014.
- FARIAS, G. B.; RODRIGUES, R. S.; CARDOSO, S. R. P. A extensão acadêmica como ferramenta para aprendizagem no ensino superior. **Holos**, v. 2, 2019.

FERNANDES, M. C.; SILVA, L. M. S.; MACHADO, A. L. G.; MOREIRA, T. M. M. Universidade e a extensão universitária: A visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.28, n.4, p.169-194, dez. 2012.

FERREIRA, M. R.; SILVA, F.; ZANATTA, R. A. F. Da dialogicidade entre Universidade e comunidade: Um estudo de caso da extensão universitária a partir do exercício da democracia dialógica na pesquisa-ação. **Cadernos Gestão Social**, v.3, n.1, p.53-68, jan/jun 2012.

FRANCO, M. L. P. B. Algumas ideias sobre as bases teóricas da análise de conteúdo. In _____. **Categorias de Análise**. Brasília: Liber Livro, 2003. Cap 6.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FORPROEX- Fórum dos Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1987. Disponível em: *1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf. Acesso em: 7 jan 2021.

GADOTTI, M. **Extensão Universitária: para quê?** 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-universitaria-para-que>. Acesso em: 16 nov 2020.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p.64-89.

MELO NETO, J. F. *Extensão Universitária: bases ontológicas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

NUNES, R. S.; VIEIRA, L. A. Contribuição da extensão universitária para a autonomia do estudante. **Em Extensão**, Uberlândia, v.11, n. 2, p. 118-125, jul/dez 2012.

PEREIRA DOS SANTOS, M. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: Um debate necessário. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v.6, n.1, p.10-15, jan/dez 2010.

SERRANO, R. M. S. M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**, v. 13, n. 8, 2013.

SILVA, R. R.; TEIXEIRA, M. R. S.; RODRIGUES, F. T. R. L. Uma análise da gestão de projetos de extensão de uma instituição federal de ensino. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v.7, n.3, p.150-171, set/dez 2016.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 295-304, Aug. 2001. Acesso em: 29 mar 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009a. p.31-42.

RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; COSTA, C. L. N. A.; NETO, I. F. P. Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade. **Cadernos de Graduação- Ciências Humanas e Sociais**. Aracaju, v.1, n.16, p.141-148, mar 2013.

VERGARA, S. C. Começando a definir a metodologia. In_____. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1998. Cap 4.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**. n.7, p. 79-88, 2002.

Apêndice A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA DOCENTES

Prezado(a),

Esta pesquisa faz parte da monografia de conclusão de curso em Administração na UFRJ que estou desenvolvendo sob a orientação da professora Fátima Bruno e tem como objetivo principal descrever a concepção e a importância atribuída à extensão universitária na visão de docentes, alunos e outros membros da sociedade.

Informo que, juntamente com este roteiro, consta um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visando sua proteção e privacidade, que pedimos responder antes do início da entrevista que será realizada via *Whats app*.

Será feita uma pergunta por vez, de modo que, após sua resposta, a seguinte será realizada, como é usual em uma entrevista semiestruturada típica do método qualitativo. Por gentileza, responda no tempo que lhe for mais apropriado. São poucas perguntas, mas sua participação será fundamental.

Não há respostas certas ou erradas, pois o que importa é a sua opinião. Grave cada resposta em áudio, por gentileza. Eles serão deletados, após análise de seu conteúdo, sem identificar a autoria, preservando, assim, seu anonimato.

Peço que inclua seu nome e e-mail.

Agradeço muito a sua colaboração.

Beatriz Abreu, biabreu@gmail.com.

- 1) Na sua opinião, qual o papel da extensão universitária?
- 2) Você já fez parte de algum projeto ou ação de extensão ou já coordenou algum projeto, seja da UFRJ ou de outra Universidade?
- 3) Como você avalia o impacto dessa participação tanto em sua vida pessoal quanto profissional?
- 4) O que você pensa sobre a obrigatoriedade da extensão na graduação?
- 5) Qual a sua opinião sobre o grau de conhecimento do corpo discente, técnicos e corpo docente da UFRJ sobre a extensão?
- 6) O que a UFRJ poderia fazer para ampliar a disseminação do que é extensão e a importância da participação do corpo discente e demais servidores (técnicos-administrativos e docentes)?

- 7) Você gostaria de acrescentar alguma informação sobre o assunto que considere relevante?

Para finalizar, pedimos que responda alguns itens para caracterizar, de forma geral, os participantes do estudo.

1. Idade
2. Tempo de magistério total e tempo de magistério na UFRJ?

Apêndice B- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O CORPO DISCENTE

Prezado(a),

Esta pesquisa faz parte da monografia de conclusão de curso em Administração na UFRJ, que estou desenvolvendo sob a orientação da professora Fátima Bruno e tem como objetivo principal descrever a concepção e a importância atribuída à extensão universitária na visão de docentes, alunos e outros membros da sociedade.

Informo que, juntamente com este roteiro, consta um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visando sua proteção e privacidade, que pedimos responder antes do início da entrevista que será realizada via *Whats app*.

Será feita uma pergunta por vez, de modo que, após sua resposta, a seguinte será realizada, como é usual em uma entrevista semiestruturada típica do método qualitativo. Por gentileza, responda no tempo que lhe for mais apropriado. São poucas perguntas, mas sua participação será fundamental.

Não há respostas certas ou erradas, pois o que importa é a sua opinião. Grave cada resposta em áudio, por gentileza. Eles serão deletados, após análise de seu conteúdo sem identificar a autoria, preservando, assim, seu anonimato.

Peço que inclua seu nome completo e e-mail.

Agradeço muito a sua colaboração.

Beatriz Abreu, biabreu@gmail.com.

- 1) Qual sua opinião sobre a extensão universitária?
- 2) Você conhece ou já fez parte de algum projeto ou ação de extensão, seja da UFRJ ou de outra Universidade?
- 3) Como você avalia o impacto dessa participação tanto em sua vida pessoal quanto profissional?
- 4) Qual a sua opinião sobre a obrigatoriedade da extensão na graduação?
- 5) Qual a sua opinião sobre o grau de conhecimento dos alunos, técnicos e corpo docente da UFRJ sobre a extensão na UFRJ?
- 6) O que a UFRJ poderia fazer para ampliar a disseminação do que é extensão e a importância da participação do corpo discente e demais servidores (técnicos-administrativos e docentes)?

7) Você gostaria de acrescentar alguma informação sobre o assunto que considere relevante?

Para finalizar, pedimos que responda alguns dados para caracterizar, de forma geral, os participantes do estudo.

1. Idade
2. Escolaridade
3. Número de anos no Curso de Administração
4. Trabalha? Se sim. Organização pública ou privada?